CINEARTE
DOROTHY JORDAN
todo o Brasil

JUNE CLYDE
CINEARTE

JUNE
CLYDE

A CRISE! . . .

O Alhambra acaba de inaugurar suas novas installações, creando attracções para o publico e, com os lucros irá subindo de andar em andar, a prestações.

No bairro que limitam o Rio Comprido e o Trapicheiro, o velho-novo Cinema Avenida depois de fechado durante mais de dois annos, desperta de novo e reenceta as suas actividades buscando fazer concurrencia aos já numerosos que por ali existem.

E isso que succede no centro da cidade e no Engenho Velho, repete-se nos outros bairros e alastra-se dos bairros para os suburbios e, destes para as povoações do interior.

E isso tudo com a crise! . . .

Imagine-se se esta não grassasse como a secca no nordeste.

Ninguem nos convencerá jamais que os doidos philanthropos, que abrem os novos Cinemas, o façam apenas por amor aos bellos olhos do publico porque diariamente fecham com *deficit* as suas caixas de receita.

Logo. . . a crise é apenas uma palavra vã em materia de Cinema, um recurso destinado a augmentar lucros com os augmentos dos preços já da locação pelos importadores aos exhibidores, já das entradas pelos exhibidores contra a sua clientella.

Aliás foi esta sempre a opinião que daqui, destas columnas sustentamos. Mais eram as vozes, que as nozes. Nem tanto ao mar, nem tanto á terra.

Se os fabricantes, como fizemos notar em artigo passado, se viram constrangidos e, produzir mais economicamente, reduzindo despezas que nada mais representaram do que ostentosas prodigalidades só para não reduzir o numero dos Films de programma, não é demais que essa politica de estricta economia seja acompanhada pelos que vivem do Film depois de impresso.

As apparatosas agencias locadoras com dezenas e mais dezenas de empregados vão sendo substituidas por organisações mais modestas. Sub-agencias desnecessarias são supprimidas. A materia reclamistas, os annuncios descem dos 15 e 16 andares dos arranhacéos para o pavimento terreo. E assim os exhibidores e, assim tudo.

Esse programma de economias visiveis, de economias palpaveis, permitte fazer face alegre a carranca da crise e a reunir lucros que, se de facto não existissem, não autorisariam iniciativas novas, como as que commentamos.

Aliás, com isso só devemos nos regosijar por ver afastadas as ameaças de que se fez vehiculo o sympathico representante da Metro Goldwyn, sr. William Melniker, em principios do anno corrente, augurando para muito breve o fechamento das portas de todos os Cinemas do Brasil.

Vejam o que fez a Paramount e o exemplo é excellente:

Explorava dois Cinemas, no chamado bairro Serrador, para estréar a su excellente producção. Os Cinemas eram pequenos e grande o preço da locação.

Deixou a Paramount de ser exhibidora retrahindo suas actividades á locação.

Não o teria feito, de certo, fossem de sua propriedade os estabelecimentos alugados, ou mesmo alugados tivessem melhor defesa na capacidade.

A orientação da Agencia Paramount foi sabia. Ella, proprietaria e a um tempo exhibidora de Films, estava obrigada a despesas que um exhibidor apenas póde reduzir quasi á metade.

O governo favoreceu os importadores de Films com grande reducção nos direitos aduaneiros. Beneficiarios dessa protecção, pela primeira vez dispensada em nosso paiz á industria e ao commercio de Films, podem os que desses generos de actividade vivem encarar a situação confiantemente, sem esse pavor histerico por crises que ás mais das vezes existem apenas nas imaginações que o nosso clima tropical acalora demasiadamente.

E isso o que estamos vendo cada dia que passa.

SENHORAS
O apparecimento de Arte de Bordar constituiu, em todo o Brasil, verdadeiro successo, magnifica victoria. As dezenas de milhares de numeros de Arte de Bordar esgotam-se ás primeiras horas de venda, numa demonstração evidente de que sua acceitação é completa. A indole artistica das senhoras brasileiras tinha — cremol-o — necessidade de uma publicação como Arte de Bordar, onde as suggestões mais encantadoras se encontram, ora num bordado, num "crochet", num trabalho de agulha ou de pintura, para um encadeamento de primores do vestuario e do lar. D'ahi o successo que foi o apparecimento de Arte de Bordar. Successo legitimo porque nol-o garantiu a acceitação do elegante publico feminino ao qual Arte de Bordar, como penhor de um vivo reconhecimento, offerecerá, nos numeros que se seguirem, as mais surprehendentes novidades em tudo que disser respeito a riscos para bordar e artes applicadas.
ARTE DE BORDAR
é uma revista mensal de riscos para bordar e artes applicadas. Contém 20 paginas de grande formato e dois grandes supplementos que vêm soltos dentro da revista com os mais encantadores e suggestivos riscos para bordados em tamanho de execução. A capa da revista, em quatro e cinco côres, traz sempre um lindo motivo de almofada ou toalha e, no texto, o risco correspondente com todas as explicações para executar o trabalho.
ARTE DE BORDAR
contém riscos para: Sombrinhas, Almofadas, Stores, Kimonos, Monogrammas, Pyjamas, Guarnições e Toalhas para altar, Guarnições para "lingerie", Roupas brancas, Roupas para creanças, Guarnições para cama e mesa. — Trabalhos: Em "Crochet", Rafia, Lã, Pellica, Panno couro, Feltro, Estanho, Pinturas, Flores, etc.
QUALQUER livraria, banca de jornaes e todos os vendedores de jornaes do Brasil têm á venda a publicação Arte de Bordar.
A revista, contendo os dois supplementos soltos, custa apenas 2$000 em todo o Brasil.
PEDIDOS DO INTERIOR
Sr. Gerente de Arte de Bordar, Caixa postal 880 — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio
Envio-lhe 2$000 para receber 1 numero
12$000 " " durante 6 mezes
24$000 " " " 12 "
Nome
Ender.
Cid.
Est.

Richard Arlen

# Mulheres

(TWO KINDS OF WOMEN) — FILM DA PARAMOUNT

| | |
|---|---|
| Miriam Hopkins.. .. .. .. .. .. .. .. | Emma Krull |
| Phillips Holmes.. .. .. .. .. .. .. | Joseph Gresham Jr. |
| Irving Pichel.. .. .. .. .. .. .. .. | Senador Krull |
| Wynne Gibson.. .. .. .. .. .. .. .. | Phyllis Adrian |
| Stuart Erwin .. .. .. .. .. .. .. .. | Hauser |
| Stanley Fields.. .. .. .. .. .. .. .. | Glassman |
| James Crane.. .. .. .. .. .. .. .. | Joyce |
| Viviene Osborne.. .. .. .. .. .. .. | Helen |
| Josephine Dunn.. .. .. .. .. .. .. | Clarissa Smith |
| Robert E. O'Connor.. .. .. .. .. .. | Tim Gohagen |
| Larry Steers.. .. .. .. .. .. .. .. | Murchard |
| Adrienne Ames.. .. .. .. .. .. .. | Jean |
| Claire Dodd.. .. .. .. .. .. .. .. | Shiela |

Director: — WILLIAM C. DE MILLE

O Senador Krull foi convidado para ir a New York e travar, através uma estação de Radio, em torno do thema "Representa New York os ideaes da America?", uma polemica publica com o Congressista Novelli, de New York e defensor desse ponto de vista. Para o Senador Krull, essa viagem a New York não só era uma evidencia grande para a sua victoria proxima nas eleições em Dakota do Sul, como, tambem, opportunidade de mostrar a maior Cidade americana do norte á filha Emma, uma menina que sempre sonhára com esse maluco instante de pousar seus olhos aventureiros em cima, bem em cima daquelles altos, altissimos predios que só conhecia por photographias e Films.

Em New York, pae e filha tomam rumos diversos. Elle promptamente se occupa com seus discursos e seu contracto com a Radio. Ella, encontrando uma amiga intima, Helen, aproveita sua companhia para passeios, festas, bailes e... mesmo "farras". Numa destas, por signal bem interessante, encontra-se com Joseph Cresham Junior, filho sem serviço de um pae mais do que rico. O amor que os envolve é rapido e sincero. Ella jámais encontrára alguem assim insinuante, assim sympathico e intelligente. Elle, ninguem, tão pura, tão virtualmente honesta, tão bonita e tão fascinante quando Emma Krull, de Dakota do Sul. E amam-se. Fazem planos para o futuro. Não pensam siquer na approximação possivel de uma nuvem negra, tão commum nesses casos e tão possivel justamente ali...

A vida de Cresham, no emtanto, não lhe permitte a liberdade de amar alguem como elle estava amando Emma e muito menos de pensar em matrimonio. Phyllis Adrian, sua amante, tinha, com Joyce, seu parceiro de malandragem, concertado um plano de extorção que não falhára e Cresham, embora revoltado, fôra induzido a prometter 30.000 "dollars" pelo resgate de uns determinados documentos que o compromettiam. Phyllis, no emtanto, que começára com o unico intuito de o "tapear" e acabára realmente apaixonada por elle, não se sente com coragem para chegar ao fim do plano e é dessa tregua que se aproveita Cresham e durante a qual conhecera Emma. Os jornaes, buliçosos como sempre e principalmente quando se trata do filho de um millionario e da filha de um politico importante, começaram logo com historias a respeito de Cresham e Emma, em commentarios se bem que sympathicos, comprommettedores, principalmente em relação a Cresham e Phyllis que, dessa fórma, sente o despeito natural de quem ama e sabe que a pessoa querida quer a outra.

O Senador alarma-se com a publicidade e teme que a mesma prejudique suas eleições, em Dakota. Hauser, um habil "reporter", afiança-lhe no emtanto que nada acontecerá e Emma, aproveitando-se ainda mais das novas occupações de seu Pae, sahe sempre acompanhada de Cresham e procuram, naquella noite, o "cabaret" de Glassman, um brutamontes que sabia orientar a sua casa a poder de murros e cerebro, a um tempo. Lá encontram-se elles inesperadamente com Phyllis, Joyce e Clarissa Smith, uma lourinha que já chegára ali embriagada e que embriagada parecia continuar.

A' vista de Cresham e sua companheira, Phyllis revolta-se. Quando Joyce exige que ella arme ali mesmo o escandalo e exija o dinheiro, ella comprehende, no intimo, que a isso não tem direito e, assim, prefere nada fazer e não auxiliar o parceiro naquella odiosa extorção. Joyce, desesperado, aproveita-se de uma confusão e rouba as joias da companheira, envolvendo-as em seu lenço. Discute Phyllis com elle e os dois, sem serem

pelos demais ali vistos, lutam até que ella, mais fraca, é dominada por Joyce que a impelle em direcção á janella. Phyllis tomba pela mesma e morre instantaneamente ao encontro da sargeta, lá em baixo. Joyce, para evitar complicações, põe o lenço com as joias dentro da bolsa de Clarissa e, assim, mesmo que qualquer cousa se descubra, sobre essa cumplice inconsciente cahirá a culpa.

A policia prende a todos que ali se acham. Cresham é indicado como o mais provavel assassino. Krull, sabedor de tudo, apresenta-se na delegacia para não só de lá tirar a filha, como, tambem, para defender o moço pelo qual já tambem sympathisa.

Tudo parece complicar-se e a situação de Cresham, sem testemunhas que digam a seu favor, peora de momento para momento. Uma busca feliz na bolsa de Clarissa Smith, no emtanto, melhora a situação do noivo de Emma Krull. Encontram-se as joias de Phyllis. Não podia ter sido Clarissa, a autora do crime, porque ella estava num estado de embriaguez de nem siquer se poder sustentar nas pernas. Glassman, no emtanto, pede para observar o lenço que envolve as joias. Reconhece ser o mesmo de Joyce. Investe contra elle e obriga-o a confessar. Joyce

# suspeitas

o faz e conta que o accidente fôra sem elle premidittar ou querer. Que apenas a impellira e que nunca poderia esperar que daquelle empurrão resultasse sua morte.

:: :: ::

Livres, Cresham e Krull conduzem Emma no mesmo carro, livre de todas as violentas emoções daquella noite. E no caminho, felizes, reconhecem que esse casamento dará tanto orgulho aos Cresham, com um filho já fóra da boa vida e tencionando mesmo trabalhar, quanto aos Krull, que unem uma filha lindissima a um rapaz da melhor sociedade de New York.

E o passado desapparece dentro do longo e apaixonado beijo que elles trocam, ali mesmo, diante do Pae sorridente.

# Lei e ordem

(CONCLUSÃO)

Frame Johnson promptamente procura a multidão e a todos avisa que deixa, naquelle momento, as estrellas de representantes da lei e da ordem, ali, mas que, no dia seguinte, tudo quanto lhe tinham feito, na desgraça daquelle amigo e companheiro que considerava imperdoavel, seria vingado até á ultima gotta de sangue e sem clemencia alguma.

Avisado de que os Northrup estavam nas cavallariças onde se achavam seus cavallos, Frame e seus companheiros Inther e Deadwood dirigem-se para lá, sem temor algum. E ali, minutos depois, trava-se uma fuzilaria intensa, violenta, que só termina depois que Frame consegue liquidar Poe Northrup, o chefe de toda aquella malta de canalhas e a varios outros dos seus capangas. Liquidados os Northrup, Frame volta para os seus. Encontra-os agonisantes. Inther e Deadwood morrem ao lado delle, que nada mais póde fazer pelos mesmos.

Silencioso, procura o Juiz Williams, entrega-lhe o commando da lei, na aldeia e, montando seu inseparavel cavallo, sahe da aldeia, soturno, calado, rosto inflexivel, sem nada transparecer da profunda magua que leva de ali ter deixado seus tres unicos e verdadeiros amigos.

:: ::

Tala Birell, a formosa estrella da Universal, apparecerá em "Broken Dreams of Hollywood", um film que revela a vida intima das estrellas do Cinema. A elegante estrella da Universal, ha pouco, terminou o seu primeiro film — "The Doomed Batalion", titulo definitivo de "Montanhas em Chammas".

RAIN, que já vimos Filmada, ha alguns annos com o titulo de "Sadie Thompson" e cuja protagonista foi a sempre querida Gloria Swanson, está sendo feita novamente pela United Artists, desta vez com Joan Crawford no principal papel. Lewis Milestone dirige e o Film está sendo produzido em Catalina Island, onde foram armados "sets" e varias montagens. No elenco figuram: Joan Crawford, Walter Huston, William Cargan, um novo artista, vindo dos palcos de New York, Walter Catlett, Guy Gibee, Beulah Bondi, Matt Moore, Ben Hendricks, Frederic Howard e Kendall Lee Glaenzar. Walter Huston encarna o papel que Lionel Barrymore nos deu na versão silenciosa e Cargan apparece na parte de Raul Walsh.

Joan foi emprestada pela Metro Goldwyn-Mayer especialmente para este film, mas a Metro terá uma percentagem nos lucros no mesmo, attendendo ao valor e á popularidade da estrella.

:: :: ::

A Metro filmará a seguir estes films: "Skyscrapper Soul", com Maureen O'Sullivan e, provavelmente, Warren Williams, artista da Waner, que será emprestado para esse film; "Speak Easily", com Buster Keaton e o seguinte elenco: Ruth Selwyn, Jimmy Durante, Lawrence Grant, Henry Armetta e Sidney Toler, com direcção de Edward Sedwick; "Without Shame", novella de Bayard Veiler, assumpto mysterioso; "Smiling Thru", aquelle velho exito de Norma Talmadge — "Morrer Sorrindo" — de que será estrella Norma Shearer; "China Seas", com Clark Gable; "Downstairs", com John Gilbert e Virginia Bruce; e uma historia russa com Wallace Beery. Promptos, esperando a distribuição, já se encontram: — "As You Desires Me", com Greta Garbo e Von Stroheim; "Huddle", com Ramon Novarro; "Prosperity", com Marie Dressler e Polly Moran, "Strange Interlude", com Norma Shearer e Clark Gable e "Letty Linton", con Joan Crawford e Robert Montgomery.

Claudet já lhe fixára o esposo. Henri era o nome delle. Mas Madelon, cercada pelas paysagens romanticas da Normandia, sempre emballada pela *berceuse* da natureza e da vida ali exhuberantes, gostára dos cabellos negros, dos olhos faiscantes, do bigode differente, das attitudes audaciosas e romanticas de Larry, um rapaz americano que estudava pintura em Paris, e estava passando para uma tela, naquelle recanto de França, um córte de paizagem agreste.

O amor proseguiu ininterrupto. Quando Claudet fechou o cêrco, prohibiu Madelon de tornar a ver Larry e forçou-a a acceitar Henri como noivo, nada mais fez, com isso, do que apressar o desfecho.

Numa noite de lua, cheia de romance, de amor, da fragancia da vida em cada petala de rosa, Madelon, pelo braço de Larry, fugiu para Paris e para o amor...

Mezes depois, alterada estava a situação. Menor de idade, Madelon tivera sua licença de matrimonio caçada pelas autoridades de Paris. Só se poderia casar, com aquella idade, se tivesse o consentimento escripto de seu pae e como não o tinha, devia contentar-se com a espera de mais alguns annos para receber o annel que a ligaria para sempre a Larry.

A principio aquillo vexou o rapaz. Tel-a como amante, como a tinha, era exquisito e de máu sabor, para elle. Amava-a, realmente e não poderia consentir nisso. Mas Madelon, sincera, disse-lhe que pouco lhe importavam conceitos, sociedade, mundo. Queria Larry, o "seu" Larry, todo della, todinho, para a vida toda! Quanto ao casamento, que se celebrasse quando fosse possivel!...

E assim proseguiu, animada com a presença barulhenta e briguenta de Victor e Rosalie, a vida daquelle amoroso casal.

—o::o—

Um dia, quando Victor recebeu uma herança inesperada, que, poucos dias depois já tinha perdido, inteirinha, em jogatina, foram celebrar a um café regular no seu tratamento aos freguezes e tambem assim na sua frequencia. Para Madelon, no emtanto, o supra-summo da elegancia, pois nada igual ainda tinha visto. E ali encontraram-se com os olhos curiosos de Carlo Boretti, conceituado entre os artistas como comprador dos melhores quadros e tido como pessoa mysteriosa, cheia de dinheiro, perdulario, mesmo, sem que se soubesse de onde provinha sua immensa fortuna.

Para Carlo Boretti se apaixonar por Madelon Claudet, custou pouco. Ella tinha aquelle differente que elle ha muito procurava nas mulheres. Era de um ar simples, quasi ingenuo. Seria capaz de apostar que era da Normandia... E quando se dirigiu á mesa de Larry e foi apresentado a Madelon, comprehendeu que realmente ella era daquelle recanto que tantas adoraveis criaturas já dera á França.

—o::o—

Dias depois, no Studio de Larry, Carlo Boretti o foi procurar em companhia de um celebre critico de obras de arte. Queria apenas o pretexto de entrar na intimidade daquelle amor que invejava. Queria observar, *in loco*, o verdadeiro interesse de Madelon por Larry e o gráu de amor deste por ella.

Naquelle dia Larry estava desde a manhã indisposto. Não se deixou levar pelo aborrecimento, no emtanto e a presença de St. Jacques, o critico de nomeada, muito o honrou. Antecipadamente sabia, Boretti, que Larry era o peor pintor do mundo. Mas confiava naquelle estratagema para poder mostrar por Madelon o interesse que elle queria que ella notasse, da parte delle.

St. Jacques condemnou terrivelmente as pinturas de Larry. Este, pouco attento a tudo que se passava em torno, mal o ouvia. Mas Madelon reagiu por elle e quasi exigiu de St. Jacques a sua quasi immediata retirada. Carlo acompanhou-o. Tivera a certeza de que Madelon amava Larry immensamente. Mas nos olhos delle lêra uma perturbação qualquer que talvez lhe trouxesse alguma boa novidades, mais tarde...

—o::o—

Na verdade, assim o foi. Larry, a sós com Madelon, disse-lhe o motivo de sua preoccupação. Recebera carta telegraphica dos Estados Unidos e noticia de que o pae adoecera gravemente em consequencia de uma quéda desastrada. Precisava voltar, portanto.

Madelon ouve-o em silencio. Pergunta-lhe, modestamente, se era realmente imprescindivel. Larry diz que sim e convida-a para fazerem a viagem juntos. No convite, no emtanto, ella percebe a sua má vontade. Talvez isso seja o fim de sua felicidade. Mas deveria ella ser o obstaculo á vida de Larry?... A unica cousa que respondeu, foi isto:

— Está bem, Larry, podes ir, quando queiras... Mas... deixa-me tirar teus sapatos, sim?...

E como nas noites anteriores, tirou-lhe os sapatos e deu ao amor da sua vida todo conforto que elle já se viciara a ter em sua companhia.

(THE SIN OF MADELON CLAUDET)

FILM DA M. G. M.

| | |
|---|---|
| *Helen Hayes* | *Madelon Claudet* |
| *Neil Hamilton* | *Larry* |
| *Lewis Stone* | *Carlo Boretti* |
| *Robert Young* | *Dr. Claudet* |
| *Cliff Edwards* | *Victor* |
| *Marie Prevost* | *Rosalie* |
| *Jean Hersholt* | *Dr. Dulac* |
| *Karen Morley* | *Alice* |
| *Charles Winninger* | *Photographo* |
| *Alan Hale* | *Hubert* |
| *Lennox Pawle* | *St. Jacques* |
| *Russ Powell* | *Claudet* |

*Director: — EDGAR SELWYN*

# O peccado de

Annos se passaram. Tudo mudára, na vida de Madelon. Tinha um filho, imagem viva do pae. Este, da America, a principio ainda lhe escrevera. Depois cessára a correspondencia e um dia ella soube que casado elle estava com uma americana rica e de accordo com os desejos de seu pae. Nada mais lhe restava fazer, portanto, do que tentar viver e da melhor e mais digna fórma possivel... Voltar para a Normandia era absurdo fóra de suas cogitações. Seria expulsa, ainda mais enxovalhada do que nunca... Preferiu enfrentar a sina, fosse qual ella fosse.

—o::o—

Carlo Boretti soube de tudo a seu respeito. Respeitoso, digno e correcto como sempre, offeceu-se para amparal-a. O que preoccupava Madelon, naquelle transe, era o filho. Sabia que Boretti não tolerava crianças e, assim, como tel-o em sua companhia e viver com aquelle homem que, sabia, faria o impossivel pela sua felicidade?

Confiou-o a Rosalie. Mas esta, na miseria e, sempre ao lado de Victor, já sem dinheiro algum de seu, forçada foi a permittir que o mesmo se recolhesse a um asylo de menores indigentes.

Vivendo a tempos com Boretti e apenas então sabedora disso, Madelon não se revoltou contra a amiga. Ella afinal não tinha culpa e se culpa havia, era méramente sua, que devia ter ficado ao lado do garoto enfrentando qualquer vicissitude.

Para resgatar o filho e melhorar a sorte de todos, Madelon dá a Victor, para penhorar, um annel que lhe déra Boretti. Victor procura a casa de penhor. E' fisgado pela Policia. Aquelle annel fôra roubado e o ladrão, descoberto, teria a Policia, nas mãos, o ladrão internacional de joias mais notavel daquelles tempos...

Esse homem era Boretti. Sem querer Madelon operára a propria desgraça e Boretti, para não ser preso, sempre correcto e orgulhoso que era, liquidou-se com uma certeira bala. Madelon, tida como sua cumplice, recebeu dez annos de sentença para cumprir numa prisão do Estado e ordem para partir immediatamente para o degredo...

—o::o—

Cumprida sua sentença, Rosalie fal-a encontrar-se com o filho. Mas este não a reconhece como sua mãe e ella, não se querendo expôr ao vexame de tornar aquelle moço amargurado para o resto da vida sabendo-a criminosa e com um passado sincero mas manchado de nodoas que a sociedade sempre condemnou, proferiu não viver sinão longe delle, enviando-lhe dinheiro para viver, para se educar, para vencer, na vida, mas... sem nunca saber quem era ella e o que fazia.

—o::o—

E mais annos se passam. Se quizermos encontrar a doce Madelon Claudet da Normandia, a mãezinha meiga que cantava uma *berceuse* popular para adormecer o filho como mãe alguma já a cantára, na vida, devia procural-a em Havana, num *cabaret* da peor especie, decahida ao extremo, cheia de vicios e miserias, mas ainda mandando o dinheiro para o filho que era a unica lucidez de seu espirito entorpecido de toxicos...

E quando, naquelle dia o pianista tentou tocar, para torturaI-a, a *berceuse* com a qual costumava embalar seu filhinho, matou-o abrindo-lhe a cabeça com um vaso. Agora era tambem assassina...

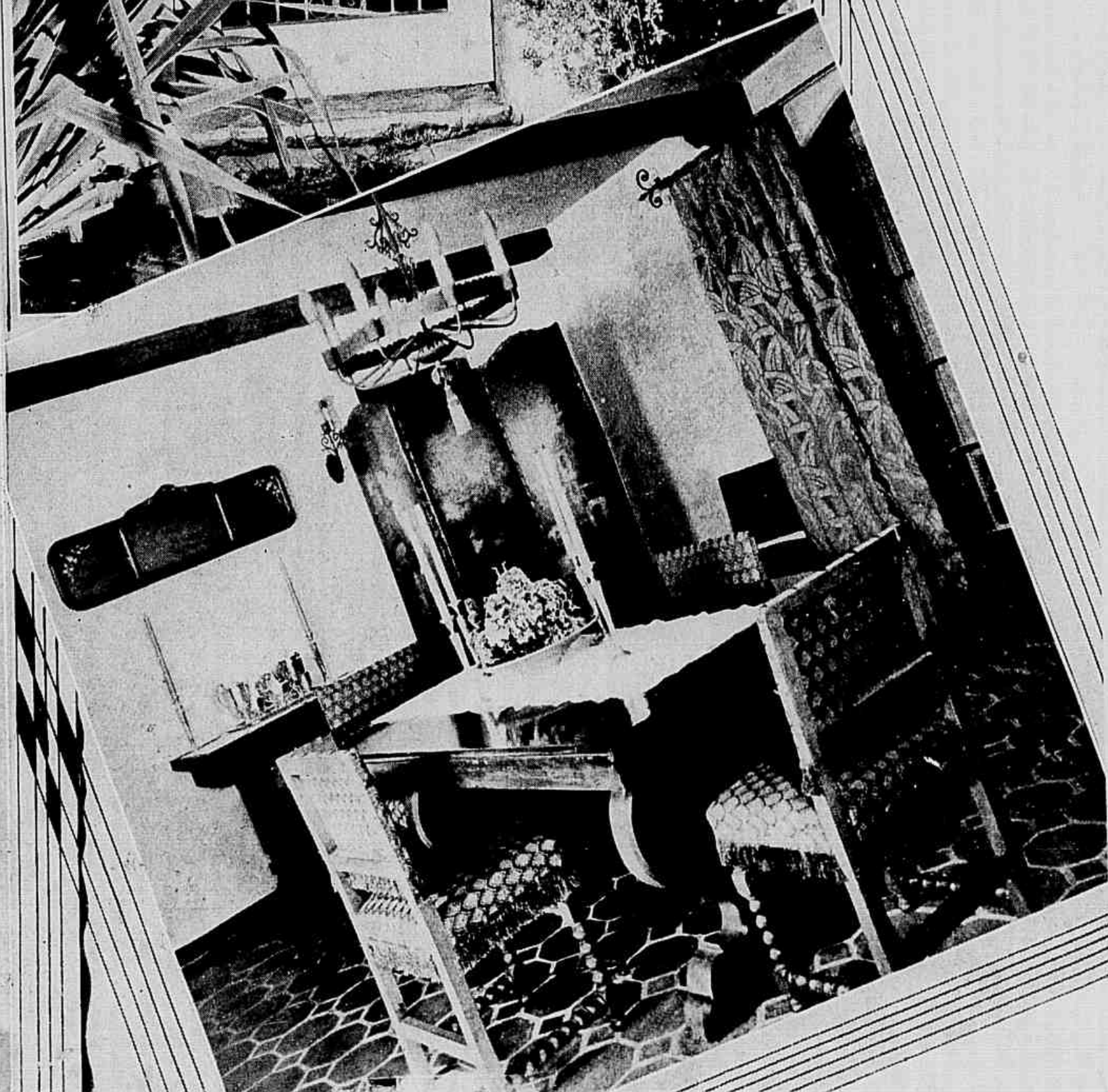
# Madelon Claudet

# Lucille Browne

A moderna
Grace Cunard...

Sally
Sweet
(cinearte)

JOAN...

Ella e dois cantinhos de sua casa...

# ULTIMA HORA

(FRONT PAGE)

— FILM DA UNITED ARTISTS —

*Adolphe Menjou* ........... *Walter Burns*
*Pat O'Brien* .............. *Hildy Johnson*
*Mary Brian* ...................... *Peggy*
*Edward E. Horton* ............ *Bensinger*
*Walter Catlett* ................. *Murphy*
*George Stone* ............. *Earl Williams*
*Mae Clarke* ........................ *Molly*
*Slim Summerville* ................ *Pincus*
*Matt Moore* ...................... *Kruger*

*Director: — LEWIS MILESTONE*

Ali junto ao departamento policial havia uma sala onde se reuniam os *reporters* de todos os jornaes da cidade, principalmente dos jornaes de escandalos, os "amarellos" ou "covardes", na traducção popular da palavra. E dali é que sahiam as condemnações arranjadas com informações erroneas, as diffamações sobre criaturas innocentes, velhacarias de todas especies, quando, além disso, não vertia, aquelle ambiente, "furos" de sensação, onde as visceras dos infelizes eram expostas ao vivo...

Naquelle ambiente, Hildy Johnson era conhecido. Pertencia ao *Post*. Seu chefe, o não menos invejado Walter Burns, reputava-o o melhor *reporter* criminal de todo mundo e apesar de tudo isso, a visita de Hildy, ali, naquelle momento e naquelle dia sensacional para a imprensa que andava procurando furos, era simplesmente para usar o telephone e falar á pequena.

E' que naquella mesma noite, ás 23 e 18, Hildy e Peggy Grant, ladeados da mãe da pequena, rumariam a New York. Lá já chegariam casados, Hildy iria ingressar para o negocio de annuncios e publicidade, numa empresa do tio da pequena e assim ficando Burns sem seu melhor *reporter* e o jornalismo local sem o brilho estraçalhante e cruel de seus "furos" sensacionaes.

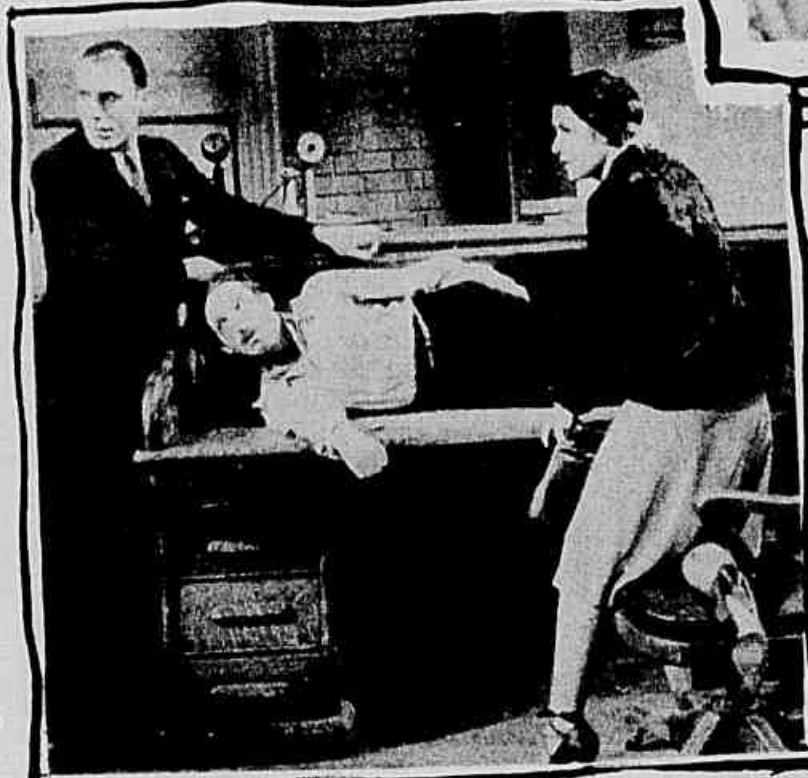
Ao telephone, Hildy communicou-se com Peggy. Marcou o encontro para a estação, dentro de poucos minutos e, em seguida, telephonou ao chefe que já o procurava desesperadamente. Deu-lhe a triste noticia. Ia casar-se. O caso de Earl Williams, o assassino anarchista, condemnado á forca e, dizia-se, injustamente e por causa de uma tramoia politica, positivamente não o interessava. Queria sua Peggy, um trem para New York e uma alliança. O restante que ficasse para elle proprio, o grande editor Walter Burns resolver...

Ainda ali se achava elle, conversando com seus quasi ex-collegas, quando Molly Malloy, o jornalismo vesgo a tinha apontado como amante de Earl Williams, entrou resoluta, violenta, desejosa de uma desforra.

— Quem foi o cão que escreveu aquella noticia?

Ninguem lhe respondeu. Suas unhas eram afiadas demais... Mas sem ouvir mais nada, disse ella, ali, o que pensava de todos elles. Uma corja sem eira e nem beira, homens de moral mais baixa do que ella, uma mulher de sargeta e com um unico defeito, não ser ruim como elles o eram naquelle caso. Ella jamais fôra amante de Earl Williams. Espezinhada, trahida e pisada pelos homens, pela vida, encontratára decencia, sinceridade e moral num assassino que merecia indulto da pena de morte e que uma politica sordida queria condemnar á morte na cadeira electrica. Que elle Earl Williams a vira na noite do assassinato, apenas. Que estava miseravel, faminto, louco de agonia. Ella o recebera e o curára, dando-lhe agasalho e comida, dentro de seu quarto, mas que elle nem siquer a tocára. Que tinha sido um honesto empregado, durante 14 annos e que méramente uma desgraça puzera-o de uma hora para outra na rua, sem dinheiro e sem nada, na miseria. E por isso, desesperado, adherira elle aos desesperados pela fome que, por ali, formavam legiões...

E Molly continuou falando. Mas suas palavras eram entrecortadas pelos remoques de Mc Cue, Murphy ou Kruger. Afrontavam-na com a malicia e embora soubessem que a razão era della, igualmente comprehendiam que era inutil uma reacção contra o systema de jornalismo do qual eram representantes, ali...

Earl Williams era apontado como assassino de um policial negro, de um bairro de negros, onde fôra roubar para matar a fome. Os negros do bairro, capangas e votos certos do Prefeito e do *Sheriff*, declararam que só votariam nelles e seus candidatos, nas proximas e bem proximas eleições, depois que Earl Williams morresse na cadeira electrica. O indulto do Governador era esperado de um momento para o outro. Apenas o Prefeito e o *Sheriff* é que tinham empenho em conservar Earl Williams até ao momento de sentar-se á cadeira electrica, sem indulto e sem cousa outra alguma que desviasse aquelle numero de votantes do bom caminho...

Tudo isso insensivelmente já enchia os olhos e cantava á alma do jornalista intrinseco que Hildy Johnson era. De toda fórma, nada disse e em nada mais pensou. Peggy voltou a occupar seus pensamentos, tanto mais que Molly retirou-se, ainda insultando seus collegas e recebendo delles remoques e risotas cada vez mais canalhas. De toda fórma ali estavam homens que cumpriam seus deveres e apesar de nem sempre sinceros com as verdadeiras historias, honestos servidores de um ideal de informações para vastas populações.

Acabavam todos de ouvir as ultimas palavras de Moille, quando, bruscamente, uma rapida fuzilaria ouviu-se e, em seguida, alarme. Corre-corre prompto e, pela sala, gritada, a noticia sensacional: — Earl Williams, ao ser examinado pelo medico allienista que lhe tinha sido mandado pelo Estado para provar seu intimo de lucidez mental, servira-se da arma que o proprio *Sheriff* lhe dava nas mãos, para reproduzir em gestos o assassinato que commettera e, rapido, atacando com a mesma, puzera-se a salvo de seus immediatos perseguidores, escondendo-se pelo predio e sendo em seguida activamente procurado.

Tudo isto, no emtanto, apenas soube o *reporter* Hildy Johnson, do *Post*, immediatamente atirado para a reportagem sem o saber e automaticamente, mesmo. Ouvindo a voz da fuga de Williams, esquecera-se da Estação, do embarque, da noiva, de tudo! Num relance agia, veloz e admiravel como era e, usando 260 *dollars* dos que tinha no bolso para passagens e despezas, comprava carcereiros, funccionarios dali e tomava as informações todas que acima demos da fuga de Williams e da historia sensacional sobre o ridiculo de *Sheriff* que, afinal, depois da historia do revolver publicada, teria uma bella fama de idiota pela cidade...

E mais alguns minutos de ajuda e Walter Burns recebia, pelo telephone, dos labios de Hildy Johnson, o melhor *reporter* criminal do

*(Termina no fim do numero).*

LENITA LANE.
Nova acquisição
de Hollywood. Está na
Paramount. Calma..!

# Baclanova!

(ESPECIAL PARA "CINEARTE")

É curioso e exquisito como certas musicas reconstituem vivamente uma imagem em nossa memoria! Acontece isto commigo todas as vezes que ouço as "Chansons Bohémiennes" de Dvorak: uma estreita ligação parece se fazer em minha imaginação entre os sons bizarros desta pagina musical e a imagem argentea da artista Olga Baclanova... E como o Cinema é tambem uma arte subtil e impressionante, todas as vezes que a admiro animando-se nos Films, vejo em todos os seus movimentos e suas expressões — as harmonias exoticas desta formosa musica...

Ouvindo agora os sons calidos e exquisitos da melodia de Dvorak, analyso mentalmente toda minha admiração pelo talento de Baclanova em sua brilhante mas accidentada carreira no Cinema.

Olga Baclanova sempre teve harmonias musicaes em sua figura e por isto foi uma artista que bastante me impressionou. Vi-a pela primeira vez ha mais ou menos uns quatro annos, no tempo em que o Cinema era silencioso, mas de um silencio que alongava os pensamentos, falando-nos numa linguagem bonita e suave. Eu assistia a um lindo Film de Rowland Lee, um drama de sociedade, almas magoadas pelas convenções mundanas — amor, belleza e arte. Foi quando ella cahiu em scena inesperadamente, como uma bomba! Alta, loura, olhos transparentes, sorriso esphingeo, attitudes nervosas e fulminantes. Uma figura "differente", uma personalidade magnetica — o effeito daquella sua primeira apparição foi o de um explosivo! O Film era o inesquecivel "Morta para o mundo", um dos melhores de Pola Negri e hoje reeditado sonoro com Ruth Chatterton sob o nome de "Duas Vidas". Lembro-me ainda bem da sequencia em que Baclanova apparecia: sorridente, impetuosa, tentando seduzir Paul Lukas bem aos olhos de Pola, a esposa... E continuava sempre attrahente e dynamica por todo o desenrolar dramatico do Film. Uma artista digna de hombrear com Negri! Interessante é que — apesar de seus protestos — a davam como substituta de Pola Negri na Paramount, ao mesmo tempo que estreava num Film da formosa polaca!

Gostei de Baclanova desde sua primeira apparição. Foi um caso de sympathia á primeira vista. Sua personalidade tão evidente e poderosa foi o que mais me seduziu. E muitos "fans" pensaram como eu, porque em tudo, nella, se sentia uma grande artista. A impressão que deixava sobre a platéa era grande e forte. Irradiava um magnetismo poderoso, não tanto de belleza, pois propriamente não era bonita. O que a tornava formosa era sua arte. Sabia ser seductora como artista, sabia ser uma "tinta" de nuanças esplendidas. Interessantissima sem ser bonita. Prendia e dominava o publico com seu talento, sua personalidade vibrante e seus movimentos cheios de electricidade. Como artista, era uma "tinta" maravilhosa!

Recorri incontinenti ás revistas Cinematographicas e fui apresentado: "Madame Olga Baclanova from S. Petersburgo". Cantora lyrica e artista dramatica vinda de uma Cia. russa dos palcos de New York. Artista de valor. Figura nova e de muita evidencia em Hollywood. Grande promessa "in the movies". Fiquei contente com a apresentação Russa! Mas era photogenica e "differente". Bem ao contrario dos chamados "typos do Cinema Russo". Talvez por isto não tivesse servido ao Cinema de sua patria e estivesse no bom gosto artistico dos Films de Hollywood...

Desde então, prometti a mim mesmo não perder um Film em que estivesse a fulgurante slava e assim foi. Como que attendendo a um apello meu, vieram muitos Films della. Em todos sempre a mesma artista esplendida e espontanea, a mesma originalidade no representar, a mesma bizarria no temperamento e brilho na personalidade.

"Viveu" para a camera e para seus "fans", papeis inesqueciveis com desempenhos macios de uma vibratilidade harmoniosa. Com que "slogans" poderiamos então baptisal-a! "Flôr vulcanica", "Dynamite russo", "Revolução slava" e "Sereia das steppes"...

Viéra do palco, mas era maleavel, natural e sincera. Sympathica ás lentes, adaptara-se maravilhosamente bem a technica do Cinema. Não tinha exaggeros, nem gesticulação. Suas attitudes eram nervosas e turbulentas, mas espontaneas. Sua eloquencia estava em suas expressões naturaes, que exprimiam nas simples scenas as mais puras emoções da alma. Sua photogenia tambem a tornava — como ainda a torna — uma optima e inconfundivel "tinta".

Baclanova era bem uma verdadeira artista de Setima Arte. Expressiva e não desciptiva. Artista que pela expressão nos podia proporcionar as melhores emoções estheticas!

Ella devia amar sua arte para representar com tanto carinho os seus papeis. Perturbadora, explosiva e inflammavel não sei como o celluloide não pegava fogo com o ardor de seus desempenhos...

Technica russa? Qual nada! Puro talento e personalidade. Maneira intelligente e sincera de viver seus papeis, sentir a direcção e pôr alma em seus trabalhos!

Em "O Homem que Ri", da Universal, não exaggero dizendo que Baclanova foi o maior encanto do Film. Ella estava mesmo perigosa incarnando a sensual duqueza Josyana. Interpretou seu papel com vivacidade e volupia unicas. Muita seducção e muita arte...

Em "Docas de New York" (Docks of New York) sob a direcção maravilhosa de Von Sternberg, Baclanova teve em papel curto mas impressionante, amargo, commovedor... Foi "Lou", a boneca de lama que não teve direito a felicidade e duvidou que sua companheira de desdita a conquistasse. Foi um retoque genial da direcção! Este papel foi um de seus melhores desempenhos e nunca me esqueço de seus "clos-ups" tão expressivos — no "cabaret" com lagrimas nos olhos vendo a "ventura" de sua companheira, e quando confessa o crime, subindo para a "viuva alegre" lança um olhar de amargura e tristeza para Betty Compson.

Em "Rua do Peccado" sob a mesma optima direcção e entre um admiravel elenco, Baclanova brilhou de modo excepcional. Vibrante e sombria como uma pagina de D'Annunzio, teve esplendido desempenho como a amante de Emil Jannings, alma de bons sentimentos, humana, afogada na sordidez sinistra dos ambientes...

"Armadilha Perfumada" esplendido Film de Victor Schertzinger, rythmico, harmonioso e cheio de bom Cinema. Olga esteve tambem admiravel! Exotica e fulmniante, registrando em seu rosto todas as escalas do amor, odio e vicio e fazendo o publico sentir todas as gamas da emoção.

Sua personalidade transparecia em sua physionomia ardente, seu olhar felino e era absorvente em todas as phases do Film. Desde a trahição ao marido no inicio, Baclanova continuava arrebatadora, enganando o William Powell, fugindo da silenciosa perseguição — perfumada a heliotropio — de Clive Brook, até a sequencia final — dramatica, intensa e tragica!

Este Film foi o "climax" de sua carreira. Vieram os "talkies" e Baclanova foi uma das bellas carreiras arruinadas. Apesar de possuir voz bem educada e bonita, não falava inglez correctamente e por isto seguiram-se outros papeis nos quaes — creio — ella não foi aproveitada como devia.

"Avalanche", sob uma direcção vulgarissima, ella uma legitima "avalanche russa" estragada num "western" indigno de seu talen-

*(Termina no fim do numero).*

e Irene Dunne foram os padrinhos

O director Wesley Ruggles e Arline Judge estão casados.

# Loís Moran

Ingenua dos films de Hollywood. Mas nunca esteve tão perto de Broadway como em "Longe da Broadway"

# LUBITSCH fala a

Com Emil Jannings

(DE GILBERTO SOUTO, REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD)

Hoje, posso cumprir a promessa que havia feito aos leitores de CINEARTE" — uma entrevista com esse famoso director, Ernst Lubitsch. Aproveitando estar elle, no momento, considerando uma nova historia para o seu proximo Film, consegui para esta revista uma entrevista com o mais celebre de todos os directores do Cinema mundial.

Lubitsch, ha mais de doze annos mantém o seu nome nos Cinemas do mundo inteiro; primeiro o tivemos na Allemanha, dirigindo obras primas, como essa *Madame Du Barry*, inesquecivel para todos os "fans" e que levou á gloria os nomes de Jannings, Pola Negri e, tambem, serviu para que o proprio nome do director fosse falado e commentado nos quatro cantos do globo.

Eu não conheço Ernst Lubitsch de hoje. Ha muitos annos, vi os seus primeiros Films, sendo que até um delles, o director tinha um desempenho notavel, naquelle corcunda de *Sumurum*... Assim, o admirei artista e, ao mesmo tempo, director. Vi muitos dos seus trabalhos, realizados para a UFA, em Berlim, como essa concepção maravilhosa que foi *Madame Du Barry, Sumurum, Amores de Pharaó, Montmartre* e outros mais.

Acompanhei a sua vinda para a America do Norte, convidado por Mary Pickford que sob suas ordens fez *Rosita*; deliciei-me com suas comedias finas, maliciosas, elegantes para a Warner Bros., como sejam "Tres mulheres", "Circulo do matrimonio", "O leque de Lady Margarida". "Então isto é Paris!" e "Beija-me outra vez"... na Paramount, tive-o em obras que ainda perduram na lembrança dos bons "fans" como posso citar "Paraiso Prohibido", a rehabilitação de Pola Negri, em Hollywood, depois de uma serie de historias mediocres e completamente fóra do seu genero...

O primeiro Film synchronizado que, por signal inaugurou no Brasil os apparelhos do Cinema falado — "Alta Trahição", tambem teve direcção de Lubitsch... e com o advento dos "talkies" essa serie de successos immensos como "Alvorada de Amor", "Monte Carlo", "Tenente Seductor" e, ultimamente, "Não matarás", o seu mais novo Film para a Paramount, que o mantém sob contracto e que delle, assim como o mundo inteiro, espera ainda outras e mais maravilhosas obras de arte e successo de bilheteria.

Ao chegar, naquella manhã, ao studio da Paramount, logo á entrada, avistei Leroy Mason, aquelle artista que vimos com Dolores Del Rio em "Revanche"... Lembram-se delle? Leroy é um rapaz sympathico é pena que não appareça mais vezes na tela. Atravessando o jardim do studio, afim de ganhar as escadas do edificio central, uma turma de "extras" elegantemente trajadas e que vinham do palco, onde Mamoulian está dirigindo, no maior segredo, "Ama-me esta Noite", com Chevalier e Jeanette MacDonald...

Dirigindo Pola Negri em "Paraiso Prohibido".

Todo esse mundo de nomes famosos iam passando deante dos meus olhos curiosos, e eu, difficilmente, escapava á tentação de ir abrindo aquellas portas todas e ir distribuindo apertos de mãos... Logo em baixo, numa porta li: — Joseph Von Sternberg... O barulho das machinas batendo lá dentro me diziam que o director está mesmo, mais do que nunca, activo e desejoso de recuperar o tempo perdido com a sua pequenina "rusga" com o chefe da producção do studio... Mas adeante, Cecil B. De Mille... Senti a sua figura calma, serena, talvez a pensar em novos ambientes de luxo e magnificencia para sua primeira producção na Paramount, depois desse longo periodo de inactividade. Não quero affirmar, mas julgo que junto ao escriptorio, deverá haver um banheiro luxuoso e todo em marmore... Mas, isto é mera divagação do "reporter"...

Richard Wallace... Rouben Mamoulian... Frank Tutle... Dorothy Azner, a unica mulher, que, no momento, dirige Films em Hollywood... Ella, hoje, é a Lois Weber do Cinema!

Finalmente, estava deante de mim uma porta. No vidro, em letras negras o nome: Mr. Ernst Lubitsch. Era ali.

Entrei e numa apresentação ligeira, fiquei em contacto com a secretaria de Herr Lubitsch.

Uma senhora allemã, de cabellos ruivos que, mais tarde, após a entrevista, ficou a conversar muito commigo e se maravilhou com as vistas do Rio...

Dois minutos, mais tarde, estava eu sentado bem junto da mesa do famoso director! Não queria acreditar que tinha deante de mim, prompto a responder toda sorte de perguntas, dispondo a fazer-me confidencias e á recordar tambem os tempos passados esse meu idolo — idolo meu, de "Cinearte" e do mundo inteiro que sabe apreciar as suas esplendidas pelliculas e dar a elle o merito que o seu talento, a sua intelligencia e as qualidades artisticas que nelle existem reclamam.

Lubitsch, como disse na entrevista que fiz com Leo Carrillo, quando o vi almoçando no restaurante do studio, é um homem de estatura mediana, mas forte. Seus olhos são escuros, vivos, brilhantes. Reflectem bem intelligencia, perspicacia e sagacidade. Testa larga, cabellos negros e sobrancelhas cerradas.

Herr Lubitsch fala com accento allemão, mas a sua palestra é agradavel. Agora, que com elle falei, que o tive junto de mim, observei uma coisa que não esperava nelle e que ainda mais o recommenda á admiração dos "fans". Ernst Lubitsch é um homem modesto, quasi acanhado, quando se fala a respeito do seu valor, do seu talento e das obras magistraes que tem dado ao Cinema. Recordando-lhe seus passados triumphos, suas grandes victorias, todo esse cortejo de Films excellentes e artiticos; discorrendo sobre os seus processos de fazer Films, traduzindo-lhe a critica que "Cinearte" publicou sobre *Tenente Seductor*, notei com admiarção minha, que Lubitsch se retrahia, ficava calado, baixando os olhos e balbuciava apenas palavras de agradecimento.

Não é a primeira vez que me acontece encontrar um director ou um artista e este sentir-se profundamente admirado de eu lhe relembrar Films velhissimos, trabalhos de muitos annos passados, citando scenas, detalhes etc.

Com Lubitsch succedeu o mesmo.

Logo ao chegar-me a elle, disse-lhe que a missão que recebera da revista se alliava a um prazer pessoal, a um velho desejo meu de o conhecer e apertar-lhe a mão.

"Não o conheço de hoje, Mr. Lubitsch..." disse-lhe eu. "Desde os seus tempos na Allemanha... Lembro-me até que o vi trabalhando em um Film de Pola Negri, no papel de um pobre corcunda, palhaço do circo e apaixonado por *Sumurum*, papel vivido com tanta malicia e sensualidade por Pola Negri..."

"Mas, como se lembra de tudo isso... Foi ha tanto tempo... Bons tempos aquelles, na Allemanha!

Elle falou-me então de *Madame Du Barry*. "Viu esse Film?" indaga elle. "Sim, foi um dos maiores exitos do Cine-

ma, no Brasil inteiro. Talvez o primeiro Film allemão que, realmente, alcançou successo sem precedentes, batendo mesmo *records* existentes por companhias americanas.

"E ainda exhibem Film allemães, no Brasil?" indaga o director.

"Sim, exhibem-se no Brasil muitos trabalhos da "Ufa" e de outras marcas allemães e, fóra dos Films americanos, que, indiscutivelmente, obtêm mais acceitação, os germanicos vem em segundo logar.

"Brasil... Rio de Janeiro, não é verdade?" diz-me elle.

"Sim, Rio é a capital, já tinha ouvido falar na minha terra?" pergunto-lhe eu.

"Pois, então! Sei mesmo que o Rio é uma das cidades mais bellas do mundo... A sua bahia é muito falada na Europa e tenho muita vontade de, um dia, ir ao Rio para uma visita."

Mostrei-lhe então umas vistas do Rio, que tinha commigo.

"Mas, isto é além do que eu pensava!" diz-me elle, verdadeiramente interessado e cheio de surpreza.

"Lembra cidades europeas... e como são interessantes estes desenhos nas calçadas!" commenta elle, folheando a minha collecção que tenho sempre commigo para ao mesmo tempo que vou entrevistando artistas e gente de Cinema ir cumprindo a minha outra missão — fazer propaganda do Brasil.

Copacabana mereceu delle uma exclamação de pessoa que, verdadeiramente, está maravilhada... O Quarteirão Serrador foi outro ponto que elle muito commentou. Mostrei-lhe então os Cinemas onde seus Films haviam passado — o ex-Capitolio e o Imperio, casas que a Paramount mantinha no Rio para que nellas o publico pudesse admirar os seus esplendidos Films.

Lubitsch pergunta-me, então, o que "Cinearte" havia escripto sobre *O Tenente Seductor*. Traduzi-lhe a critica e ella me deu a opportunidade de perguntar ao famoso *metteur en scene*, a sua opinião sobre os *talkies*.

"Elles vieram dar ao Cinema a voz que nós não tinhamos antes... Mas, em todos os meus Films procurei sempre e sempre dar a technica do velho Cinema silencioso. O *scenario* é a alma de todo e qualquer Film. Nelle reside todo o valor da producção e, uma vez, sendo este bem feito, bem Cinematographico — isto é, com acção e movimento — o Film pode ser silencioso ou falado que nada importa! Os dialogos é que não podem contar a historia."

"Estou agora estudando historias para o meu proximo trabalho. Nada encontrei ainda de difinitivo. E' a tarefa mais difficil, muito mais mesmo do que dirigir. O ideal para um director seria dirigir Films para uma platéa limitada. Para as grandes capitaes, para a élite. Um numero resumido de publico... Assim, poder-se-iam fazer obras de arte. Mas, temos que olhar o lado artistico, naturalmente mas tambem dar aos Films esse *quê* que agrada á massa! Nisso, está resumido toda a difficuldade dos directores.

Eu estudo as historias, trabalho no scenario, collaboro em todo o correr do Film e por isso essa tarefa para mim é, na verdade, ardua. Não podemos fazer um Film simplesmente artistico. Temos que nos lembrar da massa de povo, que quer divertir-se! Temos que contentar todas as platéas... E já diz o proverbio francez..." "On ne peux pas contenter tout le monde... et son pere...! acaba elle a sua apreciação, com gargalhada sonora.

Quando Lubitsch fala, os seus olhos brilham mais do que nunca. Percebe-se que no seu cerebro ha um tumulto de idéas, de pensamentos... Nota-se que a sua intelligencia está sempre trabalhando, creando coisas novas, numa actividade espantosa, actividade essa que é caracteristico predominante da vida desse director, um dos mais realistas do Cinema, um dos maliciosos, mais artisticos e que mais conhecem essa technica complicada e difficil que é crear o *photoplay*. Durante a minha palestra, recordei-lhe "Paraiso Prohibido" e trouxe a sua memoria, rebuscando o passado, aquella scena em que Pola Negri, como rainha, se finge zangada com Rod La Rocque .. Deixa o aposento, fazendo-o sentir a sua autoridade de soberana offendida... A porta se fecha atraz della, deixando na platéa a sensação de que a Rainha se offendera com a insolencia do simples official... Mas, um segundo depois, a porta se abre de novo e o sorriso malicioso de Pola se estampa na tela immensa e ella murmurava — "Espere um momento!" Lubitsch ali naquella scena muito maliciosa, havia mostrado o lado humano "coquette" de toda mulher, mesmo sendo essa uma rainha... Falando deste detalhe, disse-lhe eu — "Mr. Lubitsch em *Alvorada de Amor*, vi uma scena identica, quando Jeanette MacDonald, tambem uma rainha, deixa Chevalier pensando que ella se zangára com a sua côrte... e vae ao aposento seguinte, pinta os labios e põe pó de arroz no rosto... Tambem ali era ella a mulher... mulher e nada mais!"

*Ao lado de Pola Negri em "Sumurum"*

Com *Jeanette* e *Genevieve Tobin*

Lubitsch riu-se a valer e disse: "Tem toda razão... Ambas as scenas se parecem e, realmente, lembrei-me de "Paraiso Prohibido" quando dirigi aquella sequencia de *Love Parade*. Mas, como se lembra de tudo isto?"

"Provavelmente, na minha proxima historia, usarei Marion Hopkins, que commigo trabalhou em *Tenente Seductor*. Mas, nada ha de positivo por emquanto. Estudo historias e isso leva muito tempo até que encontremos uma que satisfaça a todas as platéas, como já lhe disse. Tambem, creio que voltarei a dirigir Chevalier em outro Film. Devo fazer este anno, mais tres Films... se tiver tempo para isso!"

O seu escriptorio é simples. Apenas retratos de artistas, um de MacDonald e outro de Mary Pickford, a primeira "estrella" que elle dirigiu ao chegar á America, vão fazer dez annos no Natal... segundo elle mesmo me disse.

"Gostaria de ter dirigido uma versão falada de *Madame Du Barry*, mas infelizmente não o posso fazer, pois outra empresa o realizou. Viu-a?" pergunta-me elle.

"Sim, de facto vi, mas a differença era muito grande e entre Norma Talmadge e Pola Negri para o papel da celebre cortezã, não resta a menor duvida que Pola é muito mais typo do que a sua collega americana."

*Ao lado de Chevalier*

Ernst Lubitsch assignou uma photographia para "Cinearte" e como o tempo corre depressa... fui obrigado a despedir-me delle.

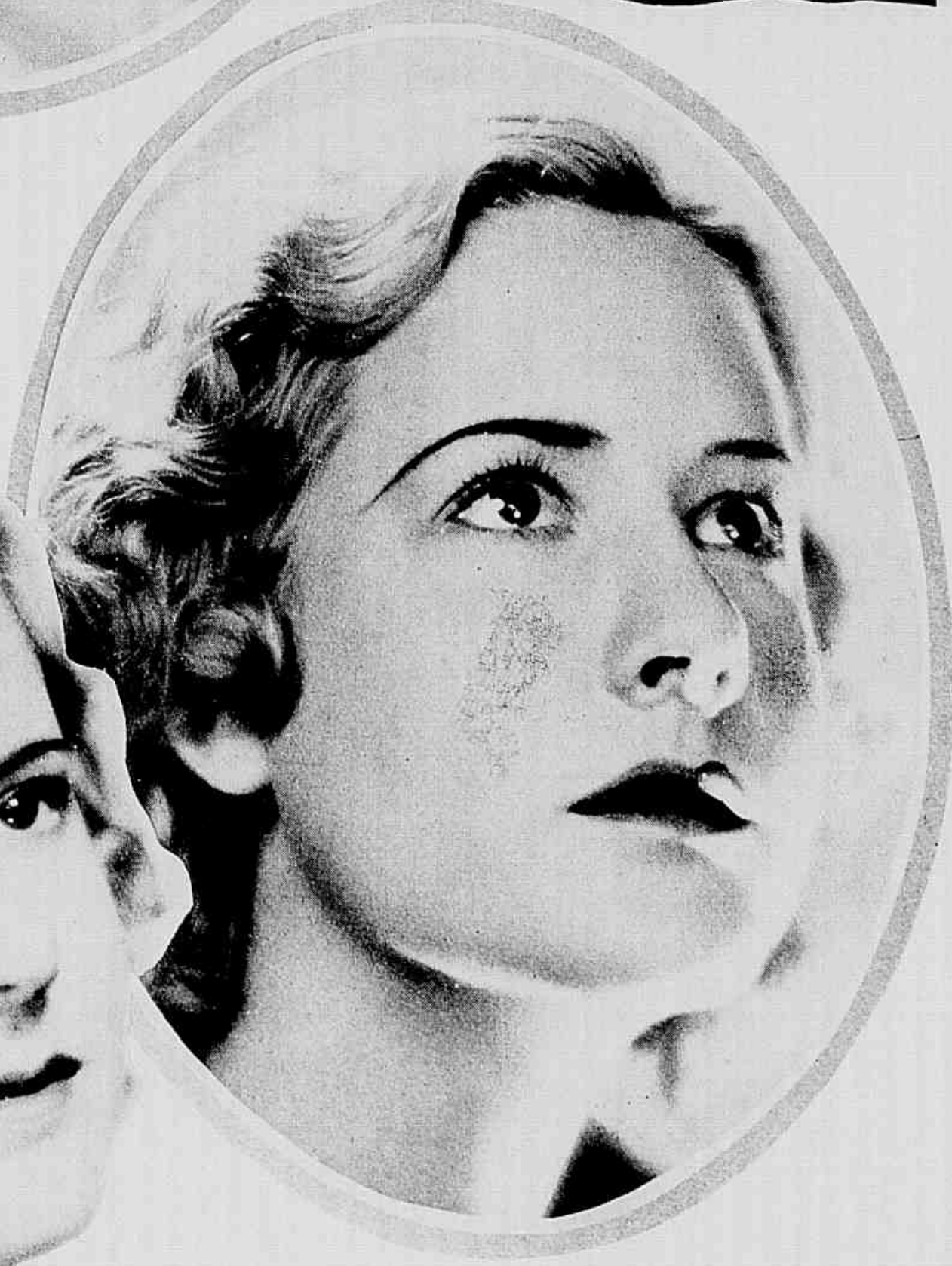
*(Termina no fim do numero).*

Lita
Chevret

SALLY BLAINE

(Cinearte)

MAE
CLARKE

A
Noiva de
Frankenstein...

AQUELLA DA "PONTE DE
WATERLOO"...

Phillips Holmes. O seu homem"... "Noivado de Ambição"... "Céo roubado"... "Não matarás"... "Tragedia americana"...

ANN
MAY
WONG

MARLENE DE SHANGHAI...

# O caso do Film "Scarface"

(DE GILBERTO SOUTO)

Howard Hughes é um dos mais jovens e mais audaciosos productores de Films em Hollywood. Todos os "fans" recordam-se, perfeitamente, de "Anjos do Inferno", essa producção que custou quatro milhões de dollars e levou mais de tres annos para ficar prompta. Se aquelle Film custou ao mais moço de todos os magnatas do Cinema alguns milhões e muita dôr de cabeça, "SCARFACE" — o ultimo Film de "gangsters" — como foi annunciado, não ficou barato e, como o primeiro, está dando a Howard Hughes toda a sorte de aborrecimentos e preoccupações.

"Public Enemy", Film da Warner-First National, obteve um dos maiores exitos de bilheteria, em todos os estados americanos. O publico applaudiu, gostou, apreciou essa obra realistica que o genio de William Wellman dirigiu e que serviu tambem para augmentar a popularidade de James Cagney e elevai-o ás culminancias da gloria.

Depois, vieram outros Films, historias sobre quadrilhas e bandidos, assumptos identicos onde as metralhadoras de mão ceifavam vidas, o sangue corria pelas calçadas dos bairros excusos, a morte se estampava em cada metro de celuloide... Os censores começaram a protestar e a ameaçar os productores.

Howard Hughes, entretanto, deu inicio a um Film — "SCARFACE", dizendo desde principio que elle seria o "ultimo Film de *gangsters*" — o mais real, inspirado em factos veridicos, conhecidos do mundo inteiro, observado nos quatro cantos de Chicago e New York, onde as quadrilhas se degladiavam afim de fechar em uma unica mão as redes do negocio illicito do contrabando de bebidas...

A prohibição veio abrir uma estrada sangrenta e miseravel para crimes, e toda sorte de factos e casos terriveis, salpicados com o sangue de milhares de victimas. Os "gangsters" guerreiavam-se pela supremacia do contrabando — as cidades eram divididas em zonas, onde em cada qual imperava um pequeno tyrano, cujo sequito a elle obedecia cegamente, matando, espalhando o crime, a desordem e tirando a paz, o conforto, o socego de uma população.

Quando Howard Hughes iniciou a producção desse Film, um censor o avisou de que não continuasse, pois a censura estava disposta a não approvar o Film, quando perante ella elle fosse apresentado. Howard submetteu a historia á censura, esta fez modificações, mas tantas eram ellas que ao chegar ás mãos de Hughes mais se assemelhava a um conto de fadas do que a uma historia desenrolada nos bairros baixos de Chicago, entre bandidos sequiosos de sangue e poderio!

Howard Hughes proseguiu na Filmagem. Levou mezes a fazer o Film, que era dirigido por Howard Hawks, um dos mais intelligentes directores de Hollywood e admiravel para este genero de historias.

Finalmente, um dia, o Film estava terminado. Hughes levou-o para New York e apresentou-o á junta de censores da cidade. Esta recusou-o formalmente, declarando ser impossivel approval-o para o publico.

Howard insurgiu-se, pois havia feito certas modificações na historia, não tantas quantas a censura havia pedido, pois que o Film nada mais revelava do que a simples verdade — núa e crúa, verdade conhecida de toda a nação, pois que esta a conhecia pela leitura dos jornaes, pelos annuncios do radio, pelas historias e livros escriptos sobre os bandidos do contrabando de bebidas.

A censura ordenou que o final fosse modificado, que certas scenas fossem suprimidas. No Film, na copia original, Paul Muni, que encarna o "SCARFACE", typo que recorda a figura de Al. Capone, conhecido mundialmente, acaba morrendo fuzilado pela policia, num cerco monstruoso ao seu covil. Baleado, elle expira junto á sargeta...

A censura ordenou que esse final fosse substituido — Paul Muni deveria ser preso pela policia, julgado e, a passos tremulos, caminhar para a cadeira electrica, num tributo a ordem, á lei, á Justiça!

Howard Hughes declarou ser impossivel, pois Muni, tendo terminado o Film, estava contractado para uma temporada no theatro e não poderia voltar a Hollywood. A censura ficou inflexivel, obrigando tambem que uma scena em que o bandido da dinheiro á irmã. Esta scena tambem deveria ser cortada totalmente do Film, afim de não mostrar sentimentos honestos e o bom coração do *gangster!*

Howard Hughes concordou, mais uma vez, com a junta de censores e fez o final, tal qual lhe havia sido recommendado e para isso usou um double. Mas, desse modo todas as derradeiras scenas do Film resentiram-se do emprego do double, pois é tem difficil Filmar uma sequencia tão importante como esta usando de um double... O Film, depois de quasi seis mezes, foi, novamente, enviado a New York e apresentado a censura local, com todas as modificações suggeridas pela Organização Hayes, que, felizmente, collaborou com o productor de um modo efficaz, procurando conciliar o interesse da industria com a opinião de censura new-yorkina e de outros estados, onde existe censura politica.

New York repetiu a mesma sentença — "o Film não poderia ser exhibido". Howard Hughes perdeu a paciencia. Resolveu, então, lutar, numa luta de morte, levando o caso para os tribunaes, empregando todas as suas forças, todo o seu dinheiro, mas esperando da justiça a decisão final.

Em meio de tudo isto, os jornaes, revistas — as vozes mais autorizadas, as mentalidades mais conhecidas e os nomes mais em evidencia vieram em soccorro do joven productor.

Cada dia, um jornal trazia um artigo atacando a censura de New York, em editoriaes escriptos com vehemencia, com força e nelles poderemos encontrar verdades duras, que explicam, com franqueza e sem escrupulos, a causa verdadeira de toda esta polemica.

A censura é um orgão politico, manejado por politicos, empregando censores politicos, protegidos de altas personalidades do governo e como o Film ataca as instituições policiaes, que ao que parece, não podem extirpar esse cancro vergonhoso que é a organização dos quadrilheiros e bandidos — que lutam contra os contrabandistas quasi que inutilmente — "SCARFACE" tem o seu destino nublado... Será possivel a victoria para Howard Hughes? Os tribunaes darão o veredictum a favor do magnata de Hollywood? Ou a censura verá o seu ponto de vista respeitado, mantido e endossado pelos tribunaes do paiz?

Robert E. Sherwood, um dos jornalistas cinematographicos mais talentosos, escriptor, autor de varias e admiraveis peças theatraes, escreveu uma serie de artigos preciosos em favor da apresentação desse Film — o mais discutido trabalho de todos os tempos.

Para esclarecer alguns pontos da questão — vamos transcrever varios topicos dos artigos de Sherwood:

Os censores sabem perfeitamente que qualquer discussão em torno do crime organizado — como elle existe em New York e Chicago — trará indiscutivelmente á luz a corrupção politica. Os censores são empregados pelos politicos e devem mostrar-se leaes áquelles que lhes deram o emprego. Uma reacção popular, manifestada pela indignação que o crime tolerado suggere, póde, perfeitamente, causar serias perturbações á machina eleitoral e com isso os censores poderão vir a perder a influencia que desfrutam, os gordos salarios e a opportunidade de assistir a Films maliciosos ou immoraes sem que nada lhes seja cobrado por isso.

Foi por causa disso que "The Racket" deixou de ser exhibido em Chicago, prohibido pela policia, durante o regimen de Thompson, "The Big House", (O Presidio soffreu a mesma pena em Ohio e que, agora, tamanha campanha se está fazendo contra "SCARFACE". Este FILM está sendo atacado, não porque seja obra immoral, corruptor, subversivo — mas apenas porque tal qual "THE PUBLIC ENEMY", elle acompanha muito de perto a "VERDADE".

Howard Hughes tomou, então, as seguintes medidas. Em todos os estados americano, onde existe a censura politica, elle exhibirá o Film, na sua copia original, tal qual foi feita e por isso recusada pela junta de censura de New York e Chicago. Assim, fazendo elle obterá a apreciação de milhares de jornalistas e de pessoas de renome. Com essa onda de opiniões a favor do Film, elle levantará uma campanha contra a organização new-yorkina e de Chicago, tal facto écoará, certamente, em todos os estados onde a censura existe. Os jornaes falarão, o publico reclamará o mesmo direito que os demais audiencias de outros estados tiveram, assistindo ao Film sem ser censurado... Depois de uma campanha barulhenta, onde as vozes bradarão bem alto pela exhibição do Film — Howard Hughes irá aos tribunaes de New York e, talvez, á côrte suprema de Washington, pedindo uma sentença para o seu Film.

Num recente communicado á imprensa Howard Hughes, pelo departamento de publicidade da Caddo Productions, empresa que elle fundou e dirige, associada á United Artists — lemos os seguintes paragraphos:

"Não terei compromissos com os censores. Será uma luta de morte e só terminará com a sentença final. Espero mostrar "SCARFACE", inalteravel, sem uma sequencia sequer mutilada em todos os Estados Unidos, inclusive em New York, onde mais forte existe a pressão contra o meu Film.

Emissarios não officiaes dos censores têm-me procurado, já fazem concessões e promettem deixar passar o Film com pequenos córtes, mostrando-se mais brandos do que a principio. Posso acrescentar, tambem, que ameaças tem sido feitas a mim, de intimidar-me, mas como não se apoiam em causas honestas, dellas não faço caso."

(*Termina no fim do numero*)

John
Darrow

Exercicios para
os dias de chuva...

# O que elles acham de

**SKIPPY**, quando exhibido, provocou varios commentarios. Um unico era unanime: — o Film agradava em cheio. Os outros, variavam. Para aquelles, Jackie Cooper não é creança e, sim, anão. Para estes, creança prodigio e incomparavel, ao lado da qual o proprio Jackie Coogan de fama e grande passado, não passa de "segundo team"...

Agora, com o **CAMPEÃO** projectado pelas télas do mundo, confirma-se o juizo de que elle é a creança mais extraordinaria que os Films já tiveram e, tambem, que é authentica creança e não anão que os malvados logo quizeram que elle fosse. Tem oito annos, o Jackie, e sua correspondencia, no Studio, iguala-se com a de Clark Gable, a sensação magna do presente. Todos já disseram de Jackie aquillo que acham de um genio. Criticos, reporters, escriptores, um mundo de gente que escreve e sabe dizer cousas interessantes. Falta o pessoal "lá de casa", ou antes, a turma de collegas seus de Hollywood. Esses é que dizem sempre a ultima palavra e por elles é que a gente fica avaliando ao certo se o "collega" vale mesmo a pena ou não... Eis o que este artigo compilou: — opiniões de "astros" e "estrellas" sobre Jackie. E aqui estão ellas.

—:—

**JACK OAKIE**: — Cooper?... Elle mata-me! E' o que lhe digo: — mata-me! Põe o latejar do seu coraçãozinho de genio em tudo quanto representa e essa representação assim aquecida, toca-nos a alma e faz-nos felizes. Quando assisti a **O CAMPEÃO**, senti que fiquei em pedaços. Assisti mais duas vezes ainda, ao Film. Quando elle faz aquelle beicinho então, nem sei o que dizer de como fico! E' o **it** delle. Maurice Chevalier e Douglas Fairbanks têm o mesmo **it**... Cooper? Elle é meu artista favorito, entre todos!

Firmando um contracto com Louis B. Mayer.

**RICHARD DIX**: — E' o melhor de todos os artistas do Cinema. E' tão grande, realmente, que não ha artista que consiga equilibrar-se ao seu lado. Eu já tentei. (Jackie foi companheiro de Richard em **YOUNG DONAVAN'S KID**, que ainda não foi exhibido aqui entre nós e é muito anterior a **O CAMPEÃO**). Fóra da téla elle é menino normal, apenas. Nos Films, trabalhando, elle é o maior larapiozinho de scenas e Films que já encontrei em minha vida.

**SALLY EILERS**: — Conheço Jackie apenas no Cinema e, assim, não posso saber se esse successo tremendo que tem feito já o estragou ou não. O que garanto, no emtanto, é que elle não pode ser o menino feliz e contente que poderia ter sido se Hollywood não lhe apparecesse, na vida. Se os grandes não se aguentam firmes, junto á fama, conseguirão isso os pequenos? Mas se elle conseguir, de facto, manter-se illeso nisso e ser modesto, sempre, sem ligar ao seu phantastico successo mundial, então taxal-o-ei de o maior garoto do mundo, já que elle é o artista que eu mais admiro!

**WALLACE BEERY**: — (Wallace foi seu companheiro em **O CAMPEÃO**, todos o sabem). Não deixe que ninguem lhe diga que Jackie é um genio ou um anão. E' apenas um menino admiravel que personifica com a mais absoluta sinceridade, os meninos do mundo todo, nas suas travessuras e desventuras. Se elle fosse genial, teria feito aquella ultima scena de choro, a final, de dentro do seu coração, sem mesmo saber como ou porque a fazia. Mas Jackie, ao contrario, sabia perfeitamente o que estava fazendo naquella scena: — dissemos-lhe, King Vidor, eu e os que ali estavam, que "Red" Golden, seu idolo e director assistente do Film, tinha sido despedido. Foi uma maneira illicita de conseguir a commoção intensa do garoto naquella scena, principalmente sabendo, como sabiamos, que elle soffreria muito com isso. Elle recebeu a noticia como qualquer outro garoto receberia a mesma noticia trazida a si sobre uma pessoa de sua profunda estima. A differença é que elle chorou por um motivo e disse, chorando, aborrecido, os dialogos do Film. Isto só basta para affirmar que elle não é nenhuma creança prodigio. E' apenas um menino cheio de saude, normal, muito educado e intelligente.

**CHARLIE CHAPLIN** (em declaração á imprensa londrina): — Para mim, Jackie Coogan continuará sendo a "creança genial" de todos os tempos, mas o pequeno Jackie Cooper, no entanto, é um esplendido artista. O segredo do seu grande successo actual, para mim, está no facto delle não impressionar as platéas como artista e, sim, como um simples e normal garoto que vive aquillo que o Film apresenta.

**TALLULAH BANKHEAD**: — Não ouviram ainda falar de Jackie e eu? Elle é meu pequeno. Num jantar offerecido por Joan Crawford e Douglas Jr., Jackie foi meu par. Tornámo-nos logo amigos intimos e ambos comemos frango com as mãos. Até ás dez horas o meu pequeno portou-se bem e esteve firme. Dahi para diante começou a dar cabeçadas de somno... Confesso que elle foi o primeiro pequeno que eu arranjei e que cahiu de somno tão cedo assim...

**DOUGLAS FAIRBANKS JR.**: — Não é muito engraçado porque eu já passei, tambem, por esses apuros. Não é uma vida normal e nem feliz para um garoto. Acho, no emtanto, que Jackie, de todos os meninos de Cinema que já tenho visto e conhecido, inclusive eu, como quando me apresentei pela primeira vez em Films, é aquelle que vae levar a vida mais normal e despreoccupada de todos. Grande parte do seu successo deve-se a Mabel Cooper, mãe do garoto. Ella jamais lhe permittiu ser engraçadinho ou malcriado para com adultos. Outra cousa que ella não faz, é commeter o erro de "supervisionar" todos os pequenos

e menores movimentos do menino. Quando Jackie cahe no jogo de **rugby**, na vizinhança, nada mais é do que menino que vae brincar com outros. Mabel não o estraga com cuidados excessivos, não se importa que elle se machuque ou não e nem faz com que elle se sinta superior a nenhum menino da vizinhança por ser "astro" de Cinema. Ella é uma mãe differente de um artistazinho differente e admiravel, tambem.

**BILLIE DOVE:** — Não existe, no Cinema, ninguem que se lhe compare. Para mim, sinceramente, é mais emocionante do que Clark Gable, Robert Montgomery e todos esses artistas realmente fascinantes que por ahi andam. Se eu fosse menina, ainda, faria o impossivel para ser a pequena de Jackie Cooper.

**MITZI GREEN:** — Não é verdade que Jackie Cooper e eu estejamos noivos. Somos apenas muito bons amiguinhos...

**ERIC VON STROHEIM:** — Como regra, não gosto de artistas creanças. Aborrecem-me e dão-me somno. Annos de idade, no emtanto, nada têm a ver com o talento de Jackie Cooper. Elle é um grande artista. Elle tem um grande talento natural que o Cinema em rapidos e esparsos momentos tem mostrado integralmente. Muitos artistas, bem mais velhos do que elle, deviam aprender muita cousa da sua esplendida technica.

**CLARA BOW:** — Durante varios annos, muitos candidatos eu vi á palavra **it**. Se alguem pode affirmar que o tem, é Jackie Cooper.

**LOUELLA PARSONS** (jornalista Cinematographica de Los Angeles): — O successo tremendo que Jackie Cooper está fazendo, no Cinema, é a prova evidente de que o publico já se vinha cançando integralmente desses Films immoraes e sangrentos que vinham sendo continuamente exhibidos. Esperemos que os productores comprehendam isso.

# Jackie Cooper...

**BEN THAU** (Director de elencos da M. G. M.): — Quem estraga os artistas infantis são as mães dos mesmos, fazendo-os prematuramente convencidos, intoleraveis e pretenciosos. Jackie Cooper, nesse particular, é o pequeno mais feliz do mundo. Sua mãe soube comprehender o assumpto ás maravilhas e, hoje, Jackie é um no meio de centenas de outros que estão absolutamente errados. Elle é a modestia sem affectação e o mais legitimo e admiravel artista do Cinema.

**JAMES CAGNEY:** — Na noite de uma **premiere**, em Hollywood, Jackie Cooper sentou-se defronte a mim. Confesso que me emocionei mais, vendo-o pessoalmente, do que se visse Greta Garbo. Mesmo na nuca Jackie tem personalidade. Durante a exhibição, uma certa occasião elle voltou o pescoço para traz e, vendo-me, sorriu para mim. E', para mim, a saudação mais agradavel que em Hollywood já recebi, essa.

E creiam ou não, a propria Greta Garbo, affirmam, foi apanhada espiando para o camarim de Jackie Cooper, um dia destes...

Elizabeth Yeaman, jornalista do Hollywood Citizien News, screveu, ha dias, o seguinte topico, na sua columna diaria: "As versões estrangeiras falharam, completamente, pois ao organizar elencos estrangeiros, os studios retiraram do mercado mundial nomes populares de artistas americanos. Se por exemplo, Greta Garbo pudesse falar francez ou hespanhol, o publico dos paizes em que esses idiomas são falados acceitariam taes versões... mas nenhuma estrella franceza ou hespanhola poderia substituir a famosa suéca da Metro Goldwyn-Mayer.

Foi pensando nesse facto que a Warner Bros. está cogitando de Filmar em francez, usando de Ruth Charterton como estrella, pois ella maneja com facilidade a lingua de Voltaire. Com excepção de Maurice Chevalier e Jeanette Mac Donald, nenhum artista em Hollywood fala francez, estando assim a Paramount e a Warner senhoras do mercado francez, com grande vantagem sobre as outras companhias. Douglas Junior acaba de posar para a versão franceza de "Local Boy Makes Good", comedia que, em lingua ingleza, teve Joe E. Brown no principal papel." Além de Ruth, Doug. Jr., Jeanette Mac Donald, tambem falam francez Barbara Leonard e Tom Brown.

* * *

James Gleason seguiu para New York, onde trabalhará em "Madison Square", um Film de Charles P. Rogers, distribuição da Paramount. Ao voltar, assumirá seu trabalho na Universal, que o contractou para uma serie de "shorts."

# MATA

(Mata Hari) — Film da M. G. M.

GRETA GARBO ........ Mata Hari
RAMON NOVARRO Alexis Rosanoff
Lionel Barrymore .. General Shubin
Lewis Stone ............... Adriani
C. Henry Gordon .......... Dubois
Karen Morley ............ Carlotta
Alec B. Francis ............ Caron
Blanche Friderici .... Irmã Angelica
Edmund Breese ......... Guardião
Helen Jerome Eddy .. Irmã Genevieve
Frank Reicher ... Espião cozinheiro

Director:

GEORGE FITZMAURICE

—:—

A primeira vez que os olhos de Alexis Rosanoff tocaram Mata Hari, quasi nú estava seu corpo e quasi fulminante o bailado cheio de nervos que esse mesmo corpo animava diante da estatua de Kali. Depois disso, apesar de advertencias e da propria consciencia, não mais conseguiu arredal-a do amago de seu ser. Mata Hari cresceu, para elle, tornou-se mais forte que sua propria vida. Fascinou-o pelo corpo. Gravou-se, qual ferro em braza, eternamente na alma do joven official aviador russo. E de lá elle, quando a quiz tirar, encontrou uma alma, um coração generoso, uma intelligencia fertil que não suspeitava existirem...

A profissão della, parecia-lhe, era explorar a fama de seus bailados e o dinheiro de velhos ricos que eram doidos por ella. Shubin, no emtanto, superior russo e amigo de Rosanoff, sabia que ella era mais do isso: — que era uma espiã guiada pela argucia e pelo tacto de Adriani...

Se Shubin sabia, fingia ignorar. Era melhor para elle, arguto e manhoso como era. Fingindo-se quasi innocente, deixava que Mata Hari pensasse que o illudia e, com isso, ia tendo aquella maravilha em seus braços e ia mergulhando naquelles labios que Paris inteira cobiçava o seus, polpudos, sensuaes, bem slavos, realmente...

Mas Alexis não a viu jamais assim. Se lhe dissessem que ella, afinal, não passava de uma vulgar creatura cheia de vicios e estigma, teria lutado pela sua reputação. Mas o que mais o feriu foi Mata Hari quasi fingir ignorar sua presença, quando della se approximou pela primeira vez...

—:—

Naquella mesma noite, mais tarde, Alexis tinha Mata Hari diante de si, só para elle, quasi delle! O milagre explicava-se facilmente. Adriani sabia que elle tinha sido portador, para Shubin, de documentos importantes do **front** russo. Sabia que só elle os poderia revelar a alguem. Shubin era incorruptivel, começava a desconfiar e, além disso, agir assim directamente seria compromettel todo plano que architectara. Alexis, portanto, seria a seguinte mira...

—:—

No dia seguinte, Mata Hari tinha todos os planos revelados por Alexis Rosanoff. Quando os entregou a Adriani, no emtanto, sentiu que não era como das outras vezes. Alexis tinha deixado, nella, uma impressão indisfarçavel. Era delicado, meigo, respeitoso, fino, culto, differente. Falara-lhe decentemente, não tentara beijal-a e nem se referira a suas danças com o sensualismo dos demais... Não diria que Alexis a apaixonara. Mas diria, certamente, que merecia não o ter trahido, assim, quando elle tão innocentemente lhe confiára toda a finalidade de sua missão secreta, nem siquer suspeitando estar diante de uma auxiliar do Governo que sua Patria então combatia.

—:—

Dias depois, para Alexis, a situação complicava-se. Shubin tivéra noticias más de varios sectores do **front** russo e, o que mais importava, noticias justamente dos sectores apontados nos ultimos papeis trazidos por Alexis... E Mata Hari estava junto ao amante quando elle resolveu telephonar a Dubois, chefe do combate á espionagem do Governo francez, dando-lhe conta da acção de Adriani, Mata Hari e, principalmente, Alexis Rosanoff.

— Telephona. Diz que eu e Adriani temos culpa e denuncia-nos, em summa, como espiões. Mas não envolva Alexis nisso! Elle não é culpado, nada sabe e nada fez com malicia ou proposito ruim.

Shubin por duas razões ligou seu telephone para Dubois, em seguida. A primeira era, de facto, a acção de Alexis que elle reputava indigna de um official russo. E a segunda eram razões particulares de um amante que perde a creatura que quer para alguem que é moço, bonito, mais intelligente e mais agradavel...

Mas antes que elle conseguisse falar, Mata Hari liquidava-o, ali mesmo, pondo assim termo aquella situação tremenda para todos e principalmente para ella que, afinal, comprehendia que era mesmo amor que sentia por Alexis, um amor mais do que paixão e mais do que sua propria vida.

Mal terminava ella seu gesto calculado e certo que liquidava Shubin, quando Rosanoff chega Vinha procurar o chefe e ali encontrava Mata Hari. A explicação o põe ao par de que Shubin não está. E Mata Hari, habil, amorosa, delicada, faz com que elle se retire em sua companhia.

Em caminho, pede ella a Alexis que volte para seu posto. Ella o esperará. Diante disto, Rosanoff exhulta..

— Então... ama-me?...

— Sim... eu o amo!

— Mas para sempre?... Só a mim?... Pela vida toda?...

— Jamais a verei na vida em que a encontrei, cheia de atropellos e canceiras, expondo seu corpo para merecer applausos?...

— Jamais...

— Jura?
— Juro!
E Alexis Rosanoff na manhã seguinte, ainda trazendo, todo elle, o perfume predilecto de Mata Hari sobre si e, nos labios, o calôr humido e morno daquelles labios incomparaveis, ergue vôo para a Patria, já ancioso e offegante diante da perspectiva de voltar para seus braços e... para sempre.

—:—

Assim não quer a sorte. Alexis, que na vinda fôra feliz, na ida é perseguido por aviões allemães. O combate é longo. Mas Alexis é abatido. Tomba. Soccorrido, logo, é operado, em seguida e posto fóra de perigo de vida. Apenas uma grande desgraça, para sempre: — cégo irremediavelmente cégo...

No seu desespero, o nome da creatura que ama é sua unica preoccupação. E sabendo-se cégo, doido de dôr e agonia, exaspera-se diante da possibilidade de jamais illuminar seus olhos com o esplendor daquelle riso e daquelle rosto...

—:—

Mata Hari procura-o, fugindo de seu esconderijo, apesar da perseguição sem treguas que lhe move Dubois, agora sciente, depois da morte de Shubin, de tudo quanto ella fazia e, além disso, tendo-a como criminosa.

Junto a Alexis, Mata Hari dá-lhe o alento de sua vida que tantos cobiçam. Ao lado della, nem a cegueira o preoccupa. Lembra-se apenas de que a ama e nas caricias de Mata Hari sente que tambem ella o quer.

— Queria ser seu esposo. Consente?
— Era o que queria pedir a você, creia...
— Pedir-me?... Querida, eu é que devia supplicar de seus labios a mercê desse consentimento. Cégo, invalido, que posso esperar da vida? Moça, fascinante, admiravel, acha que me supportará assim, para sempre?...
— Eu não o supportarei, Alexis. Tel-o-hei porque o amo. Faço-me sua esposa, porque o desejo. Jamais encontrei na vida alguem parecido com você. Acha que não tenho razões de sobra para acceitar seu pedido?...

Se elle visse, teria contemplado, nos olhos della, a lagrima sorrateira de quem, como Mata Hari, pela primeira vez amava e tão infeliz se sentia, justamente nesse momento, principalmente por saber que seria muito rapida a sua felicidade...

—:—

Mata Hari é presa. Na sala de julgamento, Dubois que quer, della, uma confissão expontanea de seu crime, diz, resoluto, que contará a Rosanoff que ella não passava de amante de Shubin e que era uma espiã que apenas o fizéra trahir a Patria. Diante disso, impetuosa, Mata Hari prefre confessar tudo quanto lhe peçam, acceitar, portanto, a pena de morte, com a condição de Dubois conservar Alexis Rosanoff na sua doce crença de apaixonado.

E Alexis nada vem a saber. Para afugental-o de a reconhecer como prisioneira, Mata Hari manda-lhe dizer que está num hospital e que vae soffrer uma operação. Com isso ganhará tempo. Seu advogado, por sua vez, tenta qualquer cousa em seu provento.

E para Alexis os dias correm longos, cheios de **spleen** e amargura. Ouvia-a falar, docemente e não estava ella a seu lado. Sabia que estava soffrendo, seu amor e não a podia consolar. Lastimava-se. Era profundamente infeliz...

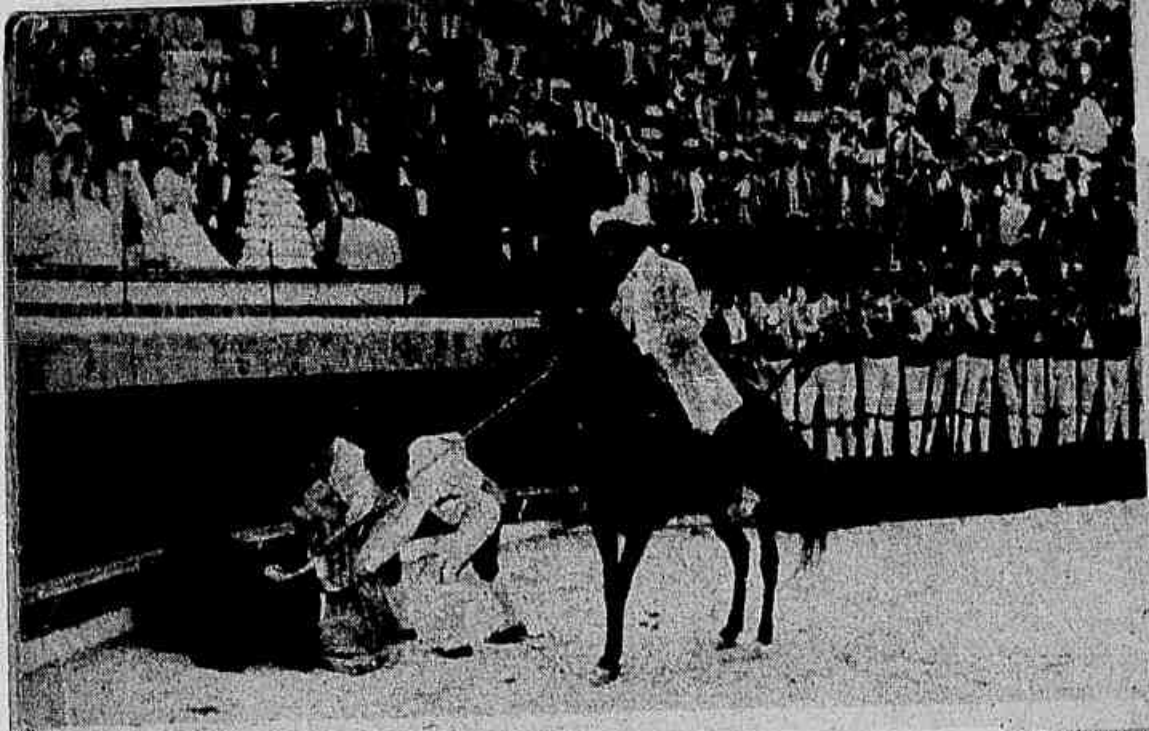
—:—

No dia de sua execução, ou antes, na madrugada **desse dia**, Alexis foi conduzido á prisão. Diziam-lhe que era o hospital **e que** ella seria, ao despontar do sol, operada. Era sua ultima visita, **portanto**.

# MATA HARI

**(Termina no fim do numero)**

# CINEMA de PORTUGAL

(DE J. ALVES DA CUNHA, CORRESPONDENTE DE "CINEARTE" NO PORTO)

*Scenas do Film "A Severa", que teve a direcção de Leitão de Barros*

Esta chronica é de expectativa. E' que francamente, se quizesse falar-vos do Cinema Portuguez em actividade, eu não teria a mais insignificante nota a dar-vos com respeito a producção. No momento presente, lança-se a vista em redor das energias Cinematographicas do nosso paiz e olha-se para uma desoladora e absoluta aridez, qual deserto onde se não descortinasse pelas redondezas mais proximas o mais pequeno oásis. Nós, os pobres quasi desilluditos deste desiquilibrio eterno da industria Cinematographica, emquanto vislumbramos ao longe esse novo oásis que surge esperançoso para os Cinéphilos sequiosos de Cinema nacional — a Sociedade de Films Sonoros Portuguezes — emquanto vamos aguardando a approximação das realidades, das obras ao menos visiveis (porque infelizmente ha entre nós Films que jamais foram vistos e talvez com certa razão) lançamo-nos nalgumas pequenas considerações sobre o panorama da producção Cinematographica em Portugal.

Antes de mas nada, salta-nos aos olhos uma constante desorganização da parte dos empresarios portuguezes e na qual por vezes emparelham mesmo alguns realizadores, o Cinema Portuguez manifesta-se por temporadas de actividade seguidas de outras mais extensas e de verdadeira côma.

Encara-se deste modo o primeiro e mais largo periodo de producção que teve o seu inicio por alturas de 1919 para se extinguir em 1923, quando foram produzidas *Os Fidalgos da casa Mourisca, O amor de perdição* e tantos outros. Vieram technicos e artistas estrangeiros, mas nada salvou o baque. O studio, o pessoal, absorviam dinheiro e a producção não era sufficiente para sustental-os; o resultado foi esse. Depois, em 1927, nasceu uma nova actividade de curta duração, quando se fizeram *O Taxi* e *Fatima milagrosa*. Finalmente em 1929 começa-se com *José do Telhado* e criam-se muitas outras pelliculas, entre as quaes *Maria do Mar*, considerada por nós a obra principal; debuta-se satisfactoriamente na nova modalidade do sonoro e do falado com *A Severa* e prompto: entramos numa desgraçada e confusa inercia — não sabemos positivamente se trabalhamos ou se estamos parados. Vê-se Filmar, lêem-se noticias, citam-se titulos; mas os Films, ou não se concluem *(Milagre da Rainha* e *Amor sem asas)*, ou não apparecem ao publico *(Campinos* e *Douro faina fluvial)*.

Dansa-se num funambulismo de hypothese e de projectos estrondosos de que geralmente nada sahe. Grande actividade... de lingua — eis o que ha essencialmente no nosso paiz.

Encontra-se por este Portugal muito Cineasta que se arrisca ao ridiculo da exteriorisação dos seus devaneios que constantemente espera ver materialisados. Mas a realidade é cruel! E não é com exaltamentos, com aereas idéas que se pode constituir uma organização Cinematographica solida.

Mais espanta, este descalabro, quando se vê o enthusiasmo com que sempre o nosso publico acolhe as pelliculas nacionaes. As salas enchem-se; os Films passam dias e dias bafejados pela tolerancia e carinho dos seus compatriotas. E apesar de tudo: não ha um Cinema estavel, embora de producção em pequena escala, mas de actividade regular. Por que? Pela falta de methodo que ha tantos annos se vem prégando na imprensa portugueza e estrangeira. Eis porque eu chamo hoje a este artigo a chronica de expectativa.

Entretanto esperemos que se entre de novo nas vias da realidade — onde parece não tardar a nova Sociedade de Films Sonoros Portuguezes.

Oxalá que eu no proximo correio possa falar-vos então de coisas visiveis e agradaveis.

Até lá, Cinéphilos interessados, entretei-vos com a franqueza rude deste artigo.

N O T A S

Diz-se que Leitão de Barros parte em principios do mez proximo para o Rio de Janeiro, onde vae tratar de assumptos que se prendem com a realização de futuros Phonofilms portuguezes.

—o::o—

Rino Lupo o realizador italiano que durante alguns annos dirigiu Films no nosso paiz, encontra-se em Roma. Parece que fixou residencia definitiva naquella cidade. O que ignoramos é se continua a manifestar em Italia a sua actividade Cinematographica.

—o::o—

O Cinema está em crise, ouve-se dizer por toda a parte. E realmente, as salas resentem-se um pouco da falta de publico. Todavia em Lisboa, de quando em quando, vê-se abrir novos Cinemas. No Porto, o *S. João*, o Theatro Lyrico da cidade, estará transformado dentro de alguns dias em Cinema. E o elegante e espaçoso *Rivoli*, parece que tambem para lá caminha. Fala-se na sua adaptação a Cinema. Quero dizer: O publico escasseia, mas os Cinemas multiplicam-se.

—o::o—

***Luzes da cidade***, de Charlie Chaplin, só agora passa nos Cinemas de Lisboa e Porto. E' um caso extraordinario, este atrazo, se dissermos que Portugal, estes ultimos annos chega a passar Films ao mesmo tempo e antes até de Paris e Berlim.

O que vale é que um Film de Charlot nunca envelhece.

*Antonio Luis Lopes, a principal figura do Film.*

## Hollywood Boulevard

*(Continuação)*

Colleen Moore, depois de uma longa ausencia voltou a Hollywood, estreando no El Capitan, theatro operado por Henry Duffy, que nelle apresenta nomes de grande popularidade no Cinema, em peças de interesse e valor. "The Church Mouse", peça que a Warner Bros, First National Filmou com o titulo "Beauty and the Boss" serviu para que o publico pudesse avaliar o talento de Colleen como artista de palco. Durante tres semanas, Colleen prendeu a attenção da cidade, que correu ao theatro afim de lhe levar o seu applauso. Ao findar os espectaculos, Colleen deu uma grande festa em sua luxuosa residencia de Bel Air, um dos bairros aristocraticos de Hollywood. Nesse mesmo dia, recebia ella da Metro Goldwyn-Mayer um excellente contracto com o prazo de cinco annos... Assim, a adoravel "estrella", a saudosa interprete daquelles Films esplendidos de *flappers*, de ha alguns annos, voltou ao Cinema! A Metro tem grandes planos para ella e o publico só terá a lucrar — uma "estrella" tão interessante como Colleen Moore numa empresa como a Metro Goldwyn, onde Irving Thalberg, com sua intelligencia, sabe dar boas historias e directores de merito.

---

Luzes, holophotes, multidão... O Hollywood Boulevard, mais uma vez, assistiu a uma

*(Termina no fim do numero).*

Laura La Plante e Wynne Gibson

Jean
Harlow

Scena Owen

Lois
Moran

Vamos desistir dessas européas mysteriosas. Joan, depois de "Possuida", então, está em primeiro logar...

Kathe Nagy e Hans Albert.

Dorothy Wieck e Willy Fritsch

Trude Berliner

# Pergunte-me outra...

MARY ROSA — Ella voltará sim. Escreva-lhe que naturalmente lhe responderá. Lelita e as duas Carmens — Cinédia Studios, Rua Abilio, 26, Rio. Celso é o galã de "Onde a terra acaba", que tem muitas scenas Filmadas em Marambaia. Volte breve "Mary Rosa" (nome verdadeiro de uma artista que você admira muito)...!

MAURA BARBÊDO BRANDÃO — (Ouro-Fino) — O Gonzaga entregou-me sua carta. A correspondencia deve ser dirigida á mim, o Operador. Infelizmente não é possivel o que deseja. Todas as photographias que temos pertencem ao archivo. E com excepção de Ernani, que aliás está na Europa, todos os outros estão retirados do Cinema. Como vae Almeida Fleming?

AMY SWEET — (Maceió) — Gilberto Souto a/c de "Cinearte", Rua Sachet, 34. Meu caro você não me convence que não é quem eu disse... o seu estyllo é o que lhe atrapalha e agora, mandando, outra vez, felicitações a Déa, vem confirmar de vez... Não sei a nacionalidade della. Ha quem diga que é hespanhola, mas não ha certeza. "Byington & Cia., Largo da Misericordia, S. Paulo.

WILSON FONSECA — (Santarem) — O amigo tambem deu para escrever com mais de um nome, para me "atrapalhar"? Mas a sua "penninha" não atrapalha... Respondo a todos, desde que esperem sempre a resposta para tornar a escrever. Não adianta escrever com outros nomes... Assim respondo sómente a "sua" carta Wilson. Mas olha, meu amigo: não seria tão facil assim você presenciar as Filmagens... Ainda mais com o Humberto, que não gosta de visitas... Nada posso fazer no que pede. Ella é que poderá satisfazer o seu desejo. Mas posso garantir, que pelo menos, ella responderá a sua carta! Lelita vae voltar. As outras deixaram o Cinema. Até a "proxima", Wilson!

LYRIO PARTIDO — (Varginha) — Paramount Films S/A: Aven. Rio Branco, 247; M. G. M. do Brasil: Avenida das Nações, 248; Universal Pictures do Brasil S/A: rua Buenos Aires, 255 e 257. Até á "outra", "Lyrio"...

CARIJÓ — (Rio) — Sim, elles ganham e não é pouco. Não apenas para os empregados do Studio. Quanto á visita, procure falar com o L. S. Marinho que é o encarregado deste serviço. Déa Selva, Cinédia Studio, Rua Abilio, 26, Rio. Apenas o typo ser necessitado para qualquer papel... Volte quando quizer e continúe gostando do nosso Cinema.

LI-GOO — (Porto Alegre) — O esclarecimento que deseja eu não posso dar aqui porque é longo e não tenho espaço para explical-o. Mas é uma cousa muito simples e não offerece difficuldade ou embaraço, para quem dispõe de alguma pratica. A "Pagina" depende dos leitores. Não temos recebido nada... Aquelle Film não é o que você julga... tanto que foi archivado. Ninguem o quiz exhibir. Sobre os numeros de "Cinearte" dirija-se directamente á gerencia.

CLAUDIO FRANCO — (Rio) — Os dois primeiros não trabalham mais no Cinema. O terceiro está em S. Paulo e parece que vae figurar num Film de Victor Del Picchia, mas não sei se é verdade. "Cinearte" diz tudo. Mas ha muita cousa que não convêm dizer e os leitores sub-entendem logo... O seu desejo só a Cinédia, directamente, poderá dizer-lhe, alguma cousa. Eu sou de "Cinearte", Claudio! Mas acho que por emquanto nada conseguirá.

W. M. — (S. José Lage) — Gilberto Souto, a/c desta redacção. Lia e Olympio, não sei. Roulien, Fox Studios, Western Avenue, Hollywood, Cal. Cinédia, Rua Abilio, 26, Rio. E só respondo cinco perguntas de cada vez...

RAL-EME — (Campos) — A Cinédia é que lhe poderá responder, á respeito. "Cinearte" é independente dessa empresa. Mas posso dizer-lhe que deve enviar a sua photographia e dados, porque a idade não influe. Depois aguarde necessitarem do seu typo...

BABY — (Porto Alegre) — Não sei o endereço do Igo... Sim, Baby. Se não lh'o forneceria. Desculpe-me ser tão laconico mas estou com muita falta de tempo no momento! O Ernani com certeza lerá, sim.

JOÃO NUNES — (Campo Grande) — Meu amigo, eu não posso fazer nada porque sou de "Cinearte." Escreva á Cinédia, Rua Abilio, 26. Rio. Mande photographia, sim...

MÉLO — (Garanhuns) — Muito bem, Mélo! Mas não diga "acto de patriotismo" porque o Film não exige mais isso, o que aliás acontece com todo o moderno Cinema Brasileiro. Mande-me a sua opinião depois. Até logo!

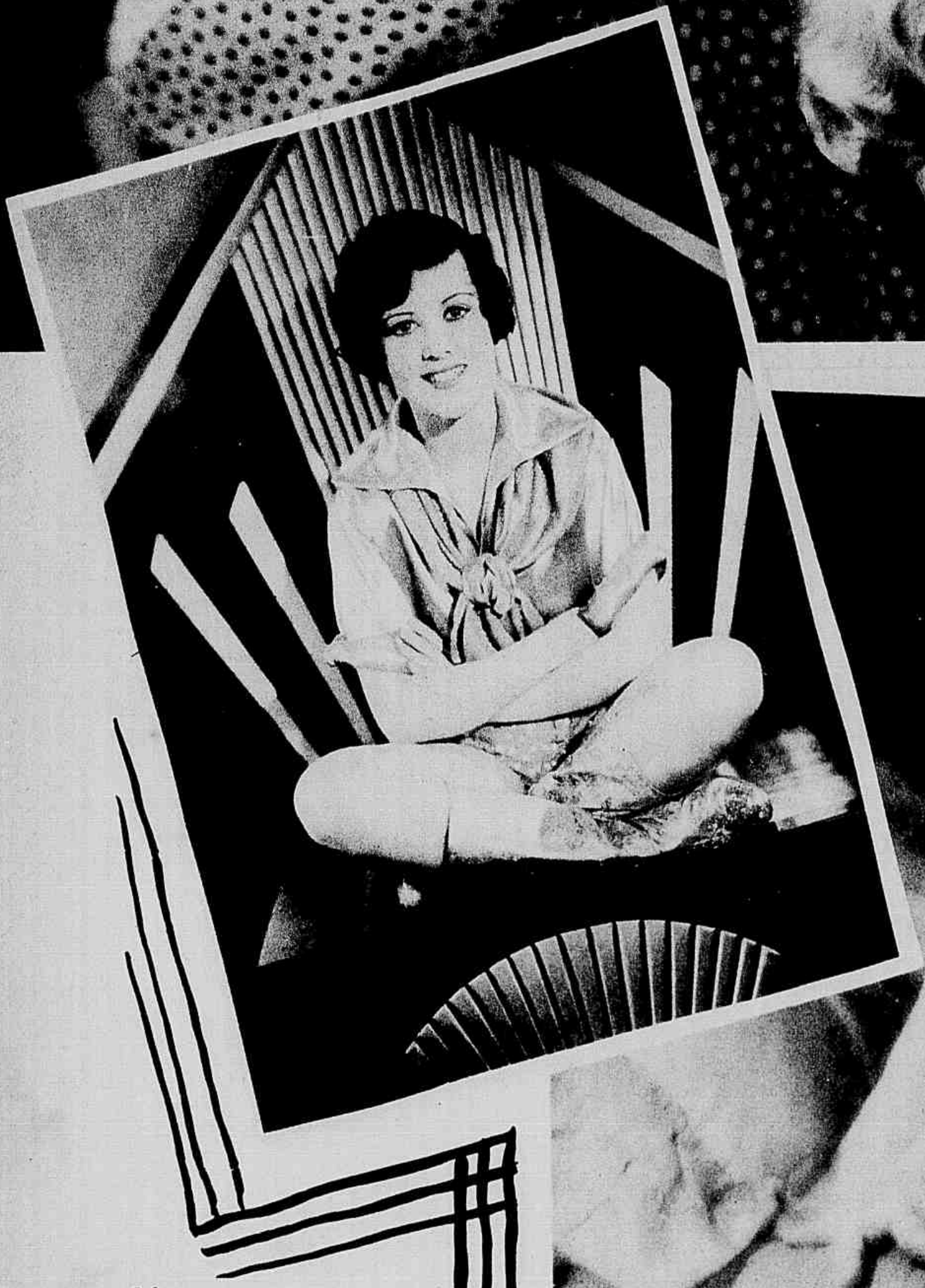
ZÉZÉ SÚSSUARANA — (Jacarehy) — O final do folhetim é... de bilheteria. 1.° — Não prejudica não. Terminará quando voltar. 2.° — Está na Fox. 3.° — Sim, e foi o primeiro Film em que elle trabalhou. 4.° — Não é isso: é que, elle diz que até hoje só escreveu um e acha-o horrivel... 5.° — Ainda não está aperfeiçoado. A Cinédia usará americanos. Até a proxima "Zézé" e escreva novo folhetim...

**OPERADOR**

10 Cinemas possúe Fortaleza (Ceará), actualmente. São elles: — "Moderno", "Majestic", "Polytheama", "Recreio Iracema", "Cine-Luz", "São José", "Pio X", "Parochial", "Phenix" e "Merceneiros."

Nancy Welford

VIDAS PARTICULARES — (Private Lives) — Film da M. G. M. — Producção de 1932.

—:—

Norma Shearer fez tres Films, que os pudicos taxaram de realistas, demasiadamente "fortes" e "livres", segundo versões de intellectuaes, pudicos e solteironas. Os dois primeiros, **A DIVORCIADA** e **BEIJOS A ESMO**, tinham realmente historias bastante humanas. As direcções de Robert Z. Leonard e George Fitzmaurice, ambientadas, produziram louvores dignos de elogios. Este, dirigido por Sidney Franklin, é inferior aos dois primeiros e tem um aspecto theatral muito accentuado, em certos momentos, além de uma linguagem francamente theatral, tanto na liberdade e na ousadia das phrases como na malicia que deixou as imagens para vives mais commodamente na voz... Apesar disso, no emtanto, defeito que os letreiros poderiam attenuar e, ao contrario, procuraram augmentar, o Film é digno de ser visto e é um successo a mais para a collecção de triumphos de Norma Shearer... E' uma comedia de situações realmente engraçadas, apesar de certos exageros em varias sequencias e, como comedia, uma das mais brilhantes e elegantes em que Norma Shearer tem figurado, deixando, assim, por alguns momentos, a febre de dramas fortes que vinha vivendo.

Quem augmenta bastante o valôr do Film, é Robert Montgomery, francamente senhor, já, de nossas platéas e artista que melhora de Film para Film. Elle é de uma sympathia incomparavel e de uma naturalidade eloquente. Vale meio Film e tem momentos, que rouba para si todas as attenções. Norma Shearer, no emtanto, luta valentemente com a competição.

Reginal Denny e Una Merkel, ajudam. Mas Robert Montgomery offusca Reginald, completamente, cujo merito já é cousa do passado...

Da peça de Noel Coward com scenarios de Hans Kraly e Richard L. Schayer, aliás um scenario bem feito, se bem que pudesse ter sido melhor ainda. Sidney Franklin dirigiu a contento, mas Norma Shearer deve continuar com Leonard ou Fitzmaurice...

E... não é mais preciso entrar para a marinha. Veja este Film e conheça o mundo. Os seus interpretes viajam mais do que os marinheiros.

COTAÇÃO: — **BOM.**

VINGANÇA DE BUDDHA — (The Hatchet Man) — Film da First National — Producção de 1932.

—:—

**VINGANÇA DE BUDDHA**, é um angulo novo, apesar de todo passado entre chinezes. Agrada e diverte em certos momentos. O thema é que em geral, não é bem recebido no Brasil. E Edward G. Robinson, innegavelmente, está optimo no seu desempenho e sabe ser, no Cinema, um artista dosado, profundamente humano, admiravel, mesmo. Em qualquer trecho do Film elle está bom. Não é possivel deixar de citar o inicio, no emtanto, que é curioso, bem feito e melhorado ainda mais pelo trabalho de Robinson.

Loretta Young apparece como chinezinha e notavel tanto é sua caracterização quanto seu desempenho. E que chinezinha linda ella é... Leslie Fenton tambem tem um papel de valôr e sabe-se bem, como de costume. Leslie é desses artistas que merecem attenção dos **fans**.

O valôr primordial de **VINGANÇA DE BUDDHA**, é o director William Wellman. Imprimiu ao Film a technica mais moderna de bom Cinema possivel e dirigiu tudo a contento. Nos idylyios, como aquelle que é presenciado por Robinson e Dudley Digges, naquelle jardim, revela-se o mesmo William Wellman dos idyllios admiraveis de **A LEGIÃO DOS CONDEMNADOS**... Além disso, a agitação toda do Film, angulos felizes, tudo, nota-se, obedeceu ao seu controle e o proprio Edward G. Robinson está melhor do que nas vezes anteriores, ainda. Wellman é um director que merece attenção.

Da peça de Achmed Abdullah e David Belasco, **The Honorable Mr. Wong**, scenarisada com muito carinho e cerebro por J. Grubb Alexander.

COTAÇÃO: — **BOM.**

Edward Robinson em "Vingança de Buddha."

# A tela em revista

O PASSAPORTE AMARELLO — (The Yellow Ticket) — FOX — Producção de 1932.

—:—

Mais um passaporte amarello, quando a epoca é dos bilhetes azues. Lionel Barrymore, com a sua exageração de costume e Elisa Landi são os principaes desta vez, sob a direcção de Raoul Walsh. O Film tem o seu interesse e agradará aos apreciadores dos Films de gente fantasiada. Montagens vistosas, bons typos e os effeitos de luz completarão. A Russia antiga como Hollywood julga que era...

COTAÇÃO: — **BOM.**

LONGE DA BROADWAY — (West of Broadway) — Film da M. G. M. — Producção de 1931.

—:—

Já se sabe que John Gilbert está melhor de sorte, agora. Filmando **DOWNSTAIRS**, uma historia sua e com Monta Bell na direcção. Que Irving Thalberg, parece, já se está de novo interessando bastante por elle. Que Victor L. Schertzinger será seu provavel seguinte director em outra bôa historia para elle comprada, **CANDLELIGHTS.** Que John Gilbert 1932-33 será, provavelmente, o John Gilbert que, no passado, foi o vulto masculino mais impressionante e mais admiravel que já teve o Cinema até hoje. Elle merece tudo isso. E' um grande, um immenso artista e ninguem o esquecerá.

Mas é forçoso dizer-se que **LONGE DA BROADWAY**, historia de Raph Graves e Bess Meredyth, direcção de Harry Beaumont, é um Film sem significação alguma para os **fans** e que é mesmo do nivel de qualquer producção de linha de algum independente. Não parece Film da M. G. M. e nem de Harry Beaumont, um director, que, afinal de contas, tem bons creditos junto aos **fans. LONGE DA BROADWAY** é falho e aborrecido. O feitio da producção é normal e não desagrada. Mas quem estimar John Gilbert não poderá assistir o Film sem aborrecimento. **PHANTASMA DE PARIS** já foi terrivel. Mas este, se não é peor, anda por ahi... Chega-se a desgostar de John Gilbert e achar até que o seu nariz anda crescendo. Acaba-se, na verdade por achal-o defeituoso, mas o certo é que John Gilbert vae bem no seu papel que não é facil. Lois Moran é o grande defeito do Film. O seu typo põe a perder todo o espirito do thema que não é máu e podia ser melhor aproveitado. Madge Evans eleva o Film com sua figurinha realmente linda e sua representação agradavel e intelligente. Seu papel é que é ingrato.

El Brndel faz rir. Ralph Bellamy, Gwen Lee, Hedda Hopper, Ruth Renick (lembram-se della?...) e Richard Carlyle, figuram.

Se gostam de John Gilbert, não vejam, E' doloroso.

COTAÇÃO: — **REGULAR.**

FUMO E FUMAÇA — (Fireman, Save my Child) — Film da FIRST NATIONAL — Producção de 1932.

—:—

O Cinema americano tem óptimos comicos, optimos tragicos e optimos artistas de drama, tambem. Mas tambem tem os "errados", esses que se intitulam comicos e são, realmente, mas não muito... muito...

Joe E. Brown está neste grupo. E' feio para o horrendo. Desengonçado. Cacete. Wallace Beery tambem é feio, é certo e desengonçado. Mas uma piscadella de Wallace Beery faz rir muito mais do que trinta boccas escancaradas de Joe E. Brown...

Além disso, a historia de Ray Enright, Robert Lord e Arthur Caesar é apenas modesta e o Film não é mais do que uma comedia assistivel de preferencia como complemento de programma. Não é má e nem offerece momentos aborrecidos, é certo, mas é demais para um publico que conhece e aprecia Cinema.

Evalyn Knapp é a pequena. Lilian Bond, Guy Kibbee, Ben Hendricks Jr. e George Meeker, figuram. E' um Film moderno, dirigido regularmente por Lloyd Bacon e pode ser visto, principalmente se estiver chovendo e o Cinema que o exhibir estiver no caminho...

COTAÇÃO: — **REGULAR.**

A BARCAROLLA DO AMOR — (Barcarolle d'amour) — Prod. P. J. de Venloo — Prod. de 1930. Prog. Art.

—:—

Mais um Film francez que fracassa. Este, aliás teve duas versões. Uma, allemã sob a direcção de Karl Froelich e outra franceza a que assistimos dirigida por Henry Roussell.

A unica cousa notavel são as scenas do incendio num theatro. Pena que não fosse em algum dos nossos conhecidos... Mas eu não creio em que se deva sahir de casa para ver estas scenas.

Simone Cerdan regular. Entretanto, não canta mal e talvez cantasse melhor se os alto-falantes do Alhambra fossem melhor collocados, sem a preoccupação de manter um palco. Isto é, penso eu que seja esta a causa da má qualidade do som no Cinema e sobre a qual sabemos, Francisco Serrador já tem tomado providencias. E já que estámos falando do Cap-Alhambra, aproveitamos tambem a vez para lamentar tambem as suas decorações e que estas imperfeições, principalmente a do som, tenha acontecido num Cinema construido depois da éra dos "falados" em que a custica deveria ser melhor estudada. São simples impressões nossas, depois de frequental-o varias vezes, sem deixar de reconhecer e louvar a iniciativa de Francisco Serrador, que, afinal, é o unico que se tem preoccupado de dotar o Rio, seu principal centro de acção, de melhores casas.

E não falamos antes do Alhambra porque, perdoenos Francisco Serrador, Cinearte é revista de Cinema e não trata de "rinks" nem de restaurantes.

Mas voltemos ao Film. Charles Bayer está regular, Lagrenée exagerado, Annabelle apparece, mas Jim Gerald, no papel de director de scena, é o que escapa. Jane Marie, que já vimos muitas vezes como estrella da Gaumont, reapparece já bem acabadinha.

Vê-se trechos da representação theatral da opera "Tanhouser", e ouve-se, a barcarolla de Hoffenbach.

COTAÇÃO: — **REGULAR.**

A FALSA MADONA — (The False Madonna) — Film da PARAMOUNT — Producção de 1932.

—:—

O argumento de May Edington, do qual foi feito, por Arthur Kober e Ray Harris o scenario para este Film, chamava-se **The Heart is Young** (O Coração é joven). O mesmo não se poderá dizer de Conway Tearle, que tem papel saliente no Film e mal maquillado, apesar de tudo. Além disso, Stuart Walker não é dos directores mais interessantes e auxillia, isso sim, a Paramount nessa transformação pela qual ella anda passando, immitando a Ufa... Isto é: — fazendo cinco Films por anno que são os melhores do mundo e duzentos e tantos que são os peores, em compensação...

William Boyd do theatro tambem figura e outrosim o joven John Breeden. Marjorie Gateson, Charles D. Brown e Julia Swayne Gordon, figuram.

O que pode desculpar a curiosidade de o assistir e justificar, mesmo, vel-o, é Kay Francis, que o "estrella." Infeliz na historia e com o director, certamente, mas invulgarmente bonita, como sempre, interessante, moderna e differente. Kay é uma razão sufficinte para um sacrificio quando este Film fôr exhibido no Cinema proximo.

COTAÇÃO: — **REGULAR.**

## Mulher singular

( F I M )

O mysterio do seu exquisitismo que culmina com a sua reclusão da qual ninguem a tira e para ninguem apparecę, é outra excitação para o **fan** que a queira com sinceridade. Não é admiravel uma mulher que assim se poupa, que assim se sacrifica, tudo pela admiração do publico, tudo para que ninguem perca nella a fantasia deliciosa que procura, avido, quando corre aos seus Films?

O erro é querer prescrutar o intimo da sua vida. Para que? Além disso ella é mulher e não é valentia atormental-a assim. Se fosse Jack Dempsey? Iriam atormental-o... Seguil-o-iam?... Procurariam galgar o muro de sua casa para tirar chapas indiscretas do seu banho de sol?...

Não acreditamos...

E se ella contasse que descasca batatas, adoptou uma creança, trocalhe fraldas e prepara-lhe a mammadeira; que gosta mais de bife com cebolas do que sem cebolas; que costuma falar com a bocca cheia; que tem o habito feio de roer unhas. Se tudo isso ella e o restante o reporter averiguasse, lucraria o publico com isso?... Ella cahiria para o nivel de Mary Nolan, por exemplo, que de tanto falar e contar sua vida, até como ladra já tem sido presa... Lembro-me de ter traduzido, certa vez, uma historia dessa pobre Mary Nolan, a qual narrava todos seus máus passos e toda sua vida miseravel em companhia de um amante bebado, constantemente. E, isso, quando ella se achava ainda no apogeu da sua rapida carreira. Quem lucrou? Ella? O Publico?... Nem um e nem o outro. Ella tombou para a desgraça. O publico desilludiu-se tremendamente com a moral doentia dessa mulher e, assim, perdeu mais um motivo de illusão...

Se Greta Garbo contasse detalhes minuciosos e intimos de sua vida, sahindo da ficção e do maravilhoso romance mysterioso que é, hoje, a sua existencia, o publico não perderia mais do que ella?... Sem duvida! Por que é que todo mundo suspira forte quando pensa que póde assistir **Mata Hari** ou **Grande Hotel**?... Porque sabe que Greta Garbo estará presente e ella é bilheteria aqui, na China, na Allemanha, em qualquer parte do mundo. Ella é a soberana da illusão. Maria, a filha de Marlene Dietrich, matou a illusão de muitos **fans** a seu respeito. Sabendo que ella, a exhotica, tem uma filhinha, arrefece o enthusiasmo de quem lhe admire as pernas ou olhe os peccados morbidos que são seus olhos. Assim acontece, sempre, em tudo. Na vida, o mais original é o mais calado. O que fala, perde tudo...

Aqui este tributo de admiração que Greta Garbo merece. Ainda que muitos a compliquem e, hoje, até a queiram deixar aleijada, apenas com um sobrenome, ainda assim ella é sempre Greta Garbo, e, de todas quantas trabalham em Films, a unica que ninguem póde dizer ao certo quanto tempo ainda dominará a turba immensa de seus **fans**.

## Lubitsch fala a Cinearte

( F I M )

Lubitsch, antes, porém, agradeceume o interesse de "Cinearte" pelo seu trabalho e sua pessoa e pediu-me que escrevesse sentir-se elle muito penhorado pelo applauso que os brasileiros tem dado aos seus Films, assegurando-me que, de coração, deseja immenso visitar o Rio.

"Não pense que digo isto porque veiu aqui... Realmente, ha muito desejo conhecer a America do Sul e o Rio de Janeiro... No futuro, hei de ir lá...

## Nos studios da Tifany

( F I M )

loura, encaracolada, brilhou mais ainda á luz forte das lampadas.

Miriam é pequenina — parece uma boneca de Paris. Olhos enormes, azues — um azul roubado ao céo, labios rubros, bocca bem feita. Tive, sinceramente, inveja de Theodore Von Eltz...

Sumindo no fundo da poltrona de velludo carmesim — de alto espaldar, Miriam, com os olhos muito abertos, curiosos, brincalhões, vae folheando a revista estrangeira, escripta numa lingua que ella não entende. Mas as figuras são tão bonitas!

"O meu retrato vae sahir assim, como este aqui?" pergunta ella.

"Sim... infelizmente, não sahirá tão lindo como o original..." disse eu, galanteando, só para causar inveja a uma porção de gente...

Ella vira pagina por pagina e vae-me perguntando o significado dos titulos. Depois pára e lê uma legenda que se estende por baixo da photo que tirei com Tala Birell, no dia em que a entrevistei.

"Oh, mas não é muito difficil..." quer ver como sou capaz de traduzir — e, de facto, ella traduziu!

Depois, querendo embaraçal-a, pedi-lhe que tentasse ler a primeira linha da chronica.

"E' muito difficil... oh! mas isso é muito difficil"... murmurou, com um sorriso brejeiro.

Ficou mirando os retratos de Tala Birell. "Que lindos olhos os della!" Disse Miriam.

"Mas, não deve invejal-a. Os seus são tambem lindos!" disse eu que, naquella tarde, positivamente, estava para madrigaes.

"Bajulador!" disse ella, em seguida. Não concordei, nem vocês concordariam tambem. O que mais impressiona em Miriam Seegar — nem sei mesmo. Serão os olhos? A bocca bem desenhada? O louro dos cabellos? O seu corpo de linhas adoraveis, que adivinhei?...

Miriam Seegar não é uma estreante em Films. Esteve ao lado de Menjou, quando este trabalhou na Paramount em "Fashions in Love", depois com Richard Dix em "Medico do Amor", a seguir "Seven Keus to Baldpate", com Dix, para a Radio e, mais tarde em "Big Money" para a Pathé. Esteve tambem na Columbia, posando para "The Lion and the Lamb", com Walter Byron e Raymond Hatton. Este Film, estou certo, será exhibido ahi no Rio.

Miriam vem do theatro, onde na peça "Crime" obteve muito successo, tendo feito uma tournée em Londres. Na capital ingleza, o Cinema falado veiu apanhal-a e, assim, poude apparecer num Film da British. Voltando a Hollywood, a sua carreira estava assegurada. Tendo sido estrella dos tempos silenciosos, facil foi conseguir trabalho e— se a carreira se lhe offerecia promissora, o seu talento e os seus encantos muito a ajudaram então...

## As30 futuras estrellas

( F I M )

Dorothy Jordan tem seu logar guardado e ninguem o tomará. Ella e infinitamente suave e meiga e disso todo mundo gosta. Sua fama não periclitará tão cedo e seu successo será crescente, sem duvida. Ella é a menina mais deliciosa da M. G. M.

Depois de "Broadway Melody", Anita Page devia ter sido feita "estrella". Ella tem tido muita publicidade e tem publico. O seu erro tem sido falar demais, no "lot", cada vez que estão tirando um "test" seu para determinado papel. O falatorio é que a tem prejudicado totalmente na sua carreira.

Leila Hyams está caminhando dentro da pista e para a victoria, tambem. E' uma das heroinas mais completas que existem e com certeza será proximamente "estrella".

Helen Twelvetrees é uma esplendida artista e linda, tambem. Technimente é uma "estrella". O publico não a considera como tal, no emtanto e é preciso que ella faça por conseguir a posição que as platéas lhe conferirão logo que as agrade plenamente.

Marian Nixon andou fóra de cartaz muito tempo. Como Sally Eilers, chegou a ser considerada um definitivo fracasso. Melhorou, no emtanto, progrediu, teve sorte e, hoje, está de novo caminhando para o successo integral. O seu papel ao lado de Charles Farrell, em "After Tomorrow", dirigida por Frank Borzage, é uma prova disso.

Maureen O'Sullivan está tambem mais ou menos neste mesmo caso. "Tarzan, the Ape Man", ultimamente, voltou a attenção do publico novamente para ella e ha qualquer cousa nessa pequena que realmente merece a attenção. Precisa de um impulso mais forte e muita disposição para a luta.

Peggy Shannon, Constance Cummings, Greta Nissen, Myrna Loy, Barbara Weeks e Mona Maris estão na corrida, tambem. Ninguem sabe ou póde affirmar o que será do futuro ou da sorte destas. Myrna Loy precisa sahir fóra dos papeis de "vampiro" que lhe têm dado e que a têm prejudicado infinitamente na sua carreira.

Constance Cummings é uma esperança e... nada mais. Precisa esforçar-se muito.

As demais afinam pelo mesmo tom. E' preciso que lutem porque a concurrencia é grande a as competidoras fortes!...

"Que pensa do Film, que está fazendo para a Tiffany?" disse-lhe eu.

"Mysterio... horror! Mortos, phantasmas... emfim a mesma coisa que tem visto, mas, desta vez, differente. Fará rir! Não haverá desmaios na platéa, nem gritos de pavor por parte da audiencia... "**The Illustrious Corpse**" é uma historia esplendida e estou muito contente com o meu papel", terminou ella, fazendo ponto na sua entrevista a CINEARTE.

E, assim, deixei o studio da Tiffany, trazendo na lembrança bons momentos — bons mesmo e, acreditando que a Felicidade custa, mas chega...

# Mata Hari

( F I M )

Nos braços della, Alexis passou minutos innefaveis de amor e enternecimento. Disseram, ali, as palavras mais ternas de amor e fizeram-se as promessas mais sagradas. Elle a animava, dizia-lhe que nada temesse, que tudo correria bem. Ella, olhos razos de pranto, affirmava-lhe que estava forte, que não temia nada. E mais ainda sentia, profunda, a dor sem remedio daquella situação desesperada.

Ao raiar do sol, a separação. Elle sentiu que sua voz tremia, quando lhe disse adeus e mais úma vez lhe supplicou que tivesse fé, que nada temesse. Sentiu que sua mão era de gelo e seu beijo quasi indifferente. Mas convenceu-se de que aquillo não era mais do que nervosismo. Se seus pobres olhos mortos vissem, naquelle momento, teriam-na visto descer os degraus de uma escada longa e dirigir-se, entre soldados, para o lado externo onde havia um pateo adequado. Não se conteve mais. Chorando, amparado por Dubois, voltou para a cella que suppunha o quarto de sua idolatrada creatura. Nem sequer ouviu os disparos simultaneos e seccos das armas que rasgavam e puniam termo violento á vida da creatura mais exhotica, mais amorosa e mais romantica de todos os tempos... a sua Mata Hari!



# Conquista a tua esposa

( F I M )

Ella o reprehende, mas fica desarmada, porque o garoto lhe pergunta como é que ella vôou, sem dizer nada a Pierre...

Só então Vera verifica a sua leviandade e pesa as consequencias da sua falta, voltando immediatamente para a casa. Ao chegar ao lar, ella encontra o marido de regresso do trabalho, mas elle já está recolhido. A esposa, porém, não percebe que Pierre apenas fingia estar dormindo...

\+ + +

Na manhã seguinte, o pequeno Jackie, inconscientemente, a despeito da mãe ter-lhe recommendado que esquecesse o que vira no aerodromo, conta ao pae que vira "a mamãe voando no aeroplano de Bob", o que motiva uma violenta discussão entre o casal, que termina por induzir no cerebro de Pierre, a idéa de reconquistar a esposa, que elle julga fascinada pela gloria do seu amigo.

\+ + +

Elle retira-se dali, apressadamente e dirige-se para o campo de aviação, onde estão fazendo experiencias com um possante apparelho, que iria bater um "record" de distancia.

Véra o segue e estupefacta, vê o marido subir naquelle enorme avião, levantando vôo, em direcção ao oceano, desapparecendo no infinito!

Pelo T. S. F. se sabe que Pierre partira para New York, num audacioso vôo (qual! da França aos Estados Unidos, assim, sem mais nem menos... bateu longe Lindbergh...), o que faz Véra ir, mais uma vez, orar, supplicando a salvação do esposo... para que elle volte, depressa para os seus braços.

\+ + +

Pierre durante a temeraria travessia, teve que lutar com toda a sorte de imprevistos, inclusive um desarranjo nos motores e uma terrivel procella, mas conseguiu, afinal, chegar á capital dos arranha-céos, onde foi recebido em delirio pelo povo.

\+ + +

Atravessando novamente o Atlantico, desta vez num luxuoso navio, feito heroe, que realmente elle era... encontrou no porto de desembarque, entre uma outra enorme massa humana que o acclamava, a sua querida Véra, e com ella a felicidade que voltava ao seu lar!

A gloria roubara-lhe a esposa, mas elle necessitara dessa mesma gloria para reconquistal-a...

\+ + +

Agora a mamãe de Jackie já consente que o garoto quando ficar mais crescido, entre para um curso de aviação...

E vamos vêr se esta imitação franceza de "Dirigivel" é interessante...





# O caso do Film "Scarface"

( F I M )

O mesmo communicado declara que — "os censores, aconselhados por politicos deshonestos tentam impedir a exhibição do Film porque elle revela a verdade sobre o crime organizado, a instituição do contrabando, da morte e do terror.

"Tenho certeza", contínúa o joven productor, que a Organização Hayes apoiará a minha causa, pois Will Hayes, em recentes discursos, declarou que a "censura é uma instituição não americana" e se a censura é impatriotica, aquella que é inspirada pelos politicos, como no caso de "Scarface", é a peor de todas".

O facto é que "Scarface" tem sido exhibido com muito successo em varios Cinemas americanos. Em Los Angeles, durante duas semanas, manteve-se em cartaz, tendo attrahido milhares de fans. O Film, como já es-

crevi, é bem feito, dirigido com mão de mestre. E' brutal e terrivelmente realistico.

Os obstaculos, porém, que o seu productor tem encontrado — as multiplas complicações que elle teve de enfrentar, demorando a confecção do trabalho e prejudicando a sua exhibição — fizeram com que "SCARFACE" fosse apresentado ao publico um pouco tarde, quando muitos outros Films de assumpto semelhantes já foram vistos pelo publico americano e de outros paizes.

Mas, o espectador que a elle assistir, não se esqueça de que cada sequencia desse Film foi copiada de factos reaes — de incidentes desenrolados em Chicago, em New York e nada mais é do que a narrativa sangrenta da vida de Al. Capone, de Legs Diamond e Tony Torrio — gangsters perigosissimos e cujo reinado, infelizmente — não terminou ainda...

N. R.: — Ao recebermos esta chronica sobre a questão de "SCARFACE", recebiamos tambem um telegramma que nos annunciava ter o famoso productor Howard Hughes conseguido vencer, pela sua persistencia e pela campanha encetada, a opposição da junta de censura de New York. "SCARFACE", sem ter sido preciso o seu productor recorrer aos tribunaes, como ameaçara fazer, teve licença para ser exhibido em todos os Cinemas de New York, na sua versão original — intacta, perfeita, admiravel. O celebre productor de "Anjos do Inferno" conseguiu, assim, uma victoria sem precedentes na historia do Cinema, nos Estados Unidos!

# BACLANOVA!

( F I M )

to! Não era papel para Olga, mas Baclanova teve seus momentos bonitos ao lado de Jack Holt...

"Lobo da Bolsa" apesar de ser um Film dirigido por Rowland Lee não passou de um "talkie" a mais... Baclanova, porém, esteve inquietante e esplendida. Ella formou com Bancroft, um "team" admiravel e foi mesmo uma pena o Film não estar a altura destes dois valores: a atordoante slava e o "super-homem".

Em "O Homem que amo" appareceu-nos como Sonia, uma condessa "Lubitscheana" a tentar o Richard Arlen. Sempre linda "tinta" mas num papel ingrato...

"Mulher Perigosa" Blacanova estava extranha e exotica em ambientes tropicaes. Cantava e seduzia Clive Brook, Leslie Fenton e Neil Hamilton numa volubilidade incrivel. O papel era convencional mas a personalidade sempre vibrante.

Foi com interesse e pena que segui a trajectoria de Baclanova por papeis e Films muito aquem de seus meritos. Ella, um typo esplendido, uma legitima "tinta" de Sternberg, desperdiçando sua personalidade em papeis convencionaes e Films mediocres. Para seus "fans" e para mim isto era "sacrilegio"!

Deixando a Paramount deu-se um eclipse em sua carreira. Casou-se com Nicolas Soussanin... Durante esta sua retirada aprendeu a falar inglez e eu que procurava seguidamente noticias della nas revistas, um dia achei: "Baclanova iria a Londres estrellar o Film "Beethoven", baseado na vida do grande compositor. Imaginem Baclanova sendo a inspiração da maravilhosa "Sonata ao luar"! Seria interessante mas a noticia não foi confirmada.

(Conclue no proximo numero)

# Hollywood Boulevard

( F I M )

de suas maiores premières. A Metro Goldwyn-Mayer fez estrear, no dia 29 de Abril, no luxuoso Chinese, "Grand Hotel", Film que reune Greta Garbo, Lionel John Barrymore, Wallace Beery, Joan Crawford, Lewis Stone e Jean Hersholt. O desfile foi maravilhoso e todas as personalidades de maior vulto e mais destaque da colonia Cinematographica ali estiveram...

No pateo, em frente á entrada do Cinema, foi armado um balcão de hotel e como gerentes estavam Conrad Nagel e Lawrence Grant e auxiliando-os, a sempre elegante Hedda Hopper. Dentre as pessoas presentes, pude ver — Joan Crawford e Douglas Fairbanks Junior. Joan disse que estava muito nervosa para falar ao microphone. Apenas disse — "Allô" e accrescentou estas lindas palavras: "Renée Adorée, como eu gostaria que tu estivesses aqui comnosco..."

Como sabem os leitores, Renée está num sanatorio em Arizona, procurando melhoras para a sua saude abalada. No meio daquella alegria e daquella festa toda, Joan lembrou-se, apenas, de Renée.

Norma Shearer e Irving Thalberg, seu marido e gerente da producção no studio, chegaram. Norma cada vez está mais popular. A ovação que recebeu foi das maiores. Falou ao microphone tambem.

Lola Lane e Lew Ayres; Jean Harlow com uma cabelleira ruiva. Ella vae fazer o primeiro papel em "The Red Head Woman", para a Metro. Chester Morris disse: "Todo o mundo tem sorte quando entra para a Metro Goldwyn Mayer. Vejam só, o maior successo de Barrymore é "Grand Hotel"... Até eu, quando aqui me contractaram, agora, ganhei a "Mulher de Cabellos Ruivos", pois elle será o galã de Jean Harlow!

Hedda Hopper descrevia os vestidos das estrellas, dizendo pilherias interessantes e espalhando bom humor. Louis B. Mayer, o chefe da Metro Goldwyn-Mayer, Dorothy Jordan, pelo braço de Donald Dilloway, Anita Page, muito nervosa e sorrindo ao mesmo tempo para a multidão. Clark Gable e sua senhora, chegaram ao mesmo tempo que Norma Shearer e o marido. Bert Wheeler e Robert Woolsey, assignando o nome, fizeram uma pilheria com Conrad Nagel... Marlene Dietrich e o marido, Rudolph Sieber, tambem chegaram... Logo após desembarcava do seu lindo automovel, o director Joseph Von Sternberg; Jack Oakie chegou e disse que desejava um quarto com janellas que desse para o studio da Paramount... William Haines fez umas gracinhas com os presentes e tambem assignou no immenso registro do "Grand Hotel"... Emquanto isto a multidão quebrava cordões de isolamento, dando um trabalho insano aos policiaes. Wallace Berry fez um vasto cumprimento ao povo — dizendo um obrigado... Will Rogers foi o mestre de cerimonias. Fez um pequeno discurso e como havia promettido ao publico apresentar Greta Garbo... teve a idéa de fazer Wallace Beery vestir-se de mulher e apresentou como a famosa estrella.

Os presentes deram em resposta uma tremenda vaia... no celebre humorista. Will, comprehendendo o seu erro, voltou ao palco e pediu desculpas, não só á platéa como á estrella. Greta Garbo, como sempre, não appareceu. Mas, Will falando disse sentir-se arrependido de ter feito aquella brincadeira, mas que não o levassem a mal. Fizera-o, apenas, por piada. Os jornaes commentaram o facto, dizendo que aquillo provava que os fans de Greta Garbo a querem de facto e não admittem brincadeiras com o seu idolo! GRAN HOTEL continúa no cartaz com immenso successo, sendo as entradas disputadas e vendidas com muita antecedencia! A Metro está registrando mais uma brilhante victoria!

---

Paulette Goddard, uma linda lourinha e um novo caso serio do Cinema, acaba se ser contractada por Hal

(Conclue no proximo numero)

mundo, na sua opinião, o relato completo de mais esse appendice ao caso Williams...

Quando terminou, Hildy disse a Burns que lhe mandasse os 260 dollars pelo portador, immediatamente, pois ainda tinha meia hora para apanhar o trem para New York. E disse isso em tom azedo, sem admittir replicas, energico e decidido.

✣ ✣ ✣

Mas Burns não iria perder assim a Hildy Johnson... Não lhe mandou o dinheiro, principalmente depois de uma nova telephonada mais sensacional ainda, que ainda Hildy lhe dava, do mesmo local.

— Burns! Earl Williams desceu do telhado do predio para esta sala. Auxiliado por Mollie, a pequena que dizem ser sua amante e cumplice, escondi-o na secretaria de um dos redactores daqui. Venha depressa e traga-me esse dinheiro, seu animal, porque se perco esse trem, parto-lhe as ventas e não ha ninguem que me faça parar de lhe arrancar esse bigode fio a fio...

Burns exhultou. Pouco se lhe deu a noticia do dinheiro. Tinha Hildy e tinha mais um "furo". Earl Williams nas mãos da justiça significava sua morte; nas de Burns e do **Post**, portanto, sua salvação provavel e as eleições perdidas para o Prefeito e o **Sheriff**, com o que enthusiasmava-se Walter Burns...

✣ ✣ ✣

A volta dos **reporters** á sala, trouxe, para Hildy, que acabava de receber uma telephonada violenta de Peggy, dizendo-lhe que tudo entre elles estava acabado, alarmou-o ainda mais. Tinha que occultar Williams e isso, custasse o que custasse. Mollie poz-se a auxilial-o. Voltando todos e encontrando as janellas cerradas, vendo-os a sós, puzeram-se a mofar. Hildy e Molly consentiram nos remoques e na malicia. Apenas queriam evitar...

A sogra de Hildy é que quasi põe tudo a perder. Chega para levar o futuro genro. Só sahiria dali com elle.

— ...quanto ao caso do homem assassino que você está escondendo para seus fins de jornalista réles, pouco interessa elle a mim e minha filha, entende?

Diz ella. Hildy não o consegue evitar. Os outros approximam-se delle.

— Onde tens Williams?...

A pergunta, gritada, torna-se asphyxiante. O que fazer? Molly tem a suprema inspiração. Grita, quase hysterica, munindo-se de uma cadeira aggressiva.

— Seus ordinarios, quem escondeu Williams não foi elle. Fui eu! Vim aqui para lhe contar e pedir sua protecção, sei eu porque! De toda fórma, nada lhes direi, entende?

E põe-se a recuar e elles a se chegarem para ella, perguntando, doidos por uma informação. Molly, proxima á janella, dá o supremo golpe para os afastar dali e talvez salvar aquelle homem pequenino e feio que ali estava escondido e, afinal, fôra o unico,

# ULTIMA HORA

(FIM)

decente, que conhecera na vida...

Atira-se! Ouve-se o baque de seu corpo, lá em baixo. Precipitam-se todos para registrar aquelle novo "furo". Hildy fica a sós com a futura sogra e o espanto supremo que o invade o sacrificio daquella mulher infeliz...

Chega Burns. Immediatamente quer tomar providencias. A futura sogra de Hildy impede-o de pensar. Ameaça contar tudo á policia. Burns entrega-a a Diamond Louie, seu capanga e amigo particular, salafrario de primeira, "para que com ella desse um passeio até que as cousas por ali melhorassem". Em seguida, com Hildy ainda attonito, telephona ao **Post** e pede seis homens reforçados, urgentemente, para carregarem dali aquella secretaria a qualquer transe. Ouvem-se passos. Burns combina com Williams tres raspadellas na cortina da secretaria. Depois começa a pôr em Hildy novos brios de jornalista. Este a principio reage, mas a fascinação e a brilhante palavra de Burns, que sem que elle proprio o saiba domina-o, convencem-no. Assim é que o encontra Peggy. Mas é tarde. Fôra-se o namorado apaixonado. Estava apenas presente o jornalista e já sentado á machina, redigindo sua chronica para a "pagina de frente"...

A chegada de Diamond Louie, antes e de todos os jornalistas, depois, seguidos do Prefeito e do **Sheriff**, embaraçam todos os planos de Burns. Diamond em companhia da senhora Grant tinha sido atropellado por outro carro e fugira para lá antes que houvessem novas complicações. Os jornalistas vêm já suspeitosos de tudo e o Prefeito decidido a enfrentar Burns, seu unico inimigo, naquella cousa toda que outros politicos de vulto estavam insufflando. — E dizem que esse negocio de politica é só com o Brasil...

— Querem detel-o e a Hildy para inquiril-os, quando a senhora Grant entra, toda arranhada e ferida e accusa, perante a justiça, Burns de mandador daquelle "rapto".

Complica-se ainda mais a situação. Burns recúa, para pensar e imaginar seu plano de defesa, quando, insensivelmente, esfrega a tampa movidiça da secretaria onde está Williams. Elle responde com tres pancadas fortes e em segundos é novamente preso e conduzido para sua nova e mais reforçada cella.

O Prefeito e o **Sheriff** consideram-se victoriosos. Mas quando estão, Burns e Hildy para seguirem para a prisão, chega Pincus, enviado do Governador trazendo o indulto para as mãos do Prefeito e que vinha sendo pelo mesmo desviado a custa de dinheiro e bebida para não lhe entregar o mesmo a não ser no dia seguinte á execução. Mas Pincus, embora ainda bebado, entrega o mandato e explica que vinha querendo entregal-o e era rejeitado, sempre...

Ahi é Burns que toma a offensiva. Acham-se, Hildy e elle, a sós com o Prefeito e o **sheriff**. São delicadamente postos em liberdade... Tiram-lhes de prompto as algemas... ¿ E Porque?... Porque agora é Burns que sabe de mais essa canalhada ignobil daquelle refinado e immoral politico.

De posse de mais esse "furo", o maior de todos os tempos, Burns finge acreditar na camaradagem do Prefeito e sahe em companhia de Hildy. A' porta são colhidos por Peggy. Ella vem afflicta, porque soubera da prisão de Hildy. Vendo-o solto, diz que o quer como é e que, se correrem, apanharão o trem de de 1 hora para New York. Burns observa-os e lhes diz que não sabia que era tamanho aquelle amor e que, se assim é, quer ser o primeiro a dar o presente. Pensa alguns minutos no que vae ser e, depois, passa a Hildy seu proprio estupendo relogio de ouro. Hildy reluta, Peggy fal-o acceitar. Sahem, felizes, Hildy agora certo de que jámais volverá ao jornalismo. Burns beija a noiva e fica pensativo depois que ambos sahem. Mas elle iria perder mesmo seu melhor **reporter** criminal?...

Apanha o telephone. Liga e fala.

— Allô! Prompto! Post?... Olha... Duffy que averigue qual a primeira parada do trem de 1 hora depois de New York e, em seguida, providencie para que a policia de lá prenda e remova para esta Cidade a Hildy Johnson, que acaba de roubar meu relogio de ouro..

NEDRA NORRIS
CINEARTE

Dentes que enfeitem o riso
com brilhos claros de sol...
Pouco, para isto, é preciso:
a Pasta e o Liquido Odol.
Odol
Odol
KCHOUT.
ODOL